

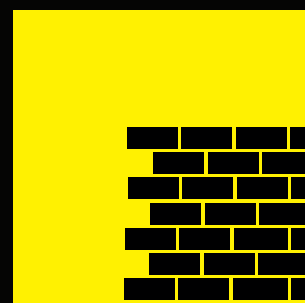
Patrimônio

Tradição e Memória

Intervenção e Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico
do Centro Histórico de Jaraguá-GO

cadernos de tc

Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA



Cadernos de TC 2018-2

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Maryana de Sousa Pinto, M. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Detalhamento de Maquete

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Daniel da Silva Andrade, Dr. arq.

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maíra Teixeira Pereira, Dr. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Anderson Ferreira de Sousa M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quinta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2018/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

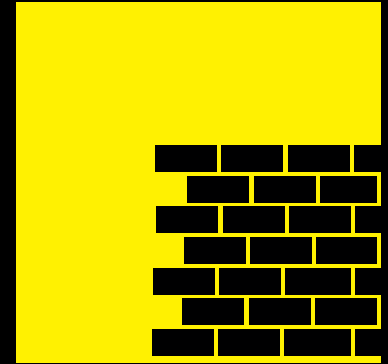
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final.

A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Alexandre Ribeiro Gonçalves
Maryana de Souza Pinto
Pedro Henrique Máximo



TRADIÇÃO E MEMÓRIA

Intervenção e Reabilitação do Patrimônio
Arquitetônico do Centro Histórico de
Jaraguá-GO

Uma das formas mais eficazes de manter viva as recordações de outros tempos são por meio da preservação de vestígios materiais que sirvam de suporte à memória de um indivíduo ou de um grupo social, já que têm a capacidade de evocar lembranças e sentimentos vivenciados em outras épocas, além de possibilitar compreender as características do período em que foram produzidos e utilizados.

Dessa forma o projeto de intervenção e reabilitação do patrimônio arquitetônico do Centro Histórico da cidade de Jaraguá, tem o intuito de preservação da sua tradição local e resgatar a memória material e imaterial, possibilitando assim uma melhoria para a comunidade e diversificação da cidade.



Lucas N. B. de Araújo

Orientadora: Msa. Maryana de Souza Pinto

Contato: lucasaj64@gmail.com

Cel: (62) 98538-3683

Instagram: @lucasdearaujo

Prefácio

NOTAS:

[1] De acordo com o "Manual de elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural" do programa Monumenta, reabilitação significa um conjunto de operações destinadas a tornar apto o edifício a novos usos, diferente para qual foi concebido.

[2] SOUSA, Cecília A. F. **Patrimônio e Cidade:** Requalificação do Centro Histórico de Minas Novas-MG. 2017. 126f.. trabalho Final de Graduação de Curso do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2017.

[3] **NORMAS DE QUITO 1967.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Normas%20de%20Quitto%201967.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

A construção do eixo viário de integração a "rodovia Belém-Brasília" na década de 1960, dividiu dois pontos importantes da história da cidade de Jaraguá: o histórico x o novo.

Naquela época os 224 anos de história da cidade, não impediu o desejo de seus moradores a buscar por mais modernidade em capitais próximas, como Goiânia e Brasília. Esse ímpeto pelo novo, fez com que os proprietários dos grandes casarões, dos solares e dos casarios modestos vendessem suas propriedades. Edifícios de arquitetura singular e vernacular foram vendidos aos bancos e comerciantes locais para serem demolidos dando lugar aos edifícios modernos.

Por ser uma das cidades pioneiras do estado de Goiás, e por possuir um acervo arquitetônico rico e harmônico com a paisagem daquele período da construção da rodovia, o Instituto de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN), entre os anos de 1952 e 1960, visitou a cidade diversas vezes realizando vistorias e alguns levantamentos fotográficos.

A partir desse acervo de fotografias, hoje pode se perceber que a cidade naquele período não havia sofrido mudanças mirabolantes, mas o órgão de proteção do patrimônio foi responsável pelo único tombamento a nível federal da cidade: A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que foi inscrita no livro das belas artes com número 452, e o número de processo 0602-T-59 no ano de 1959.

Hoje ainda se vê que existe a necessidade de um tombamento mais abrangente. Pois apesar de ainda possuir algumas remanências arquitetônicas do seu período de

criação, o centro histórico vem sendo esquecido sem que exista uma lei de proteção mais eficiente para coibir a demolição desses edifícios ou até mesmo diminuir a descaracterização do centro histórico. Caminhar pela Rua do Rosário, é uma experiência tanto quanto controversa. A correria e a vida agitada dos dias atuais, distraem o olhar dos moradores ficando cada vez mais difícil perceber o entrelace entre o moderno e o antigo.

Com isso em mente, o desenvolvimento do projeto parte da problemática vivenciada por seus moradores. A reabilitação [1] do centro histórico, se faz necessária tendo em vista que as edificações localizadas nessa região são os exemplares do patrimônio histórico edificado. Áreas de intensas relações culturais, sociais, econômicas e de baixa infraestrutura urbana.

Serão abordadas ao longo do projeto todas as características que foram tidas como relevantes e que dependem de uma atenção maior.

Segundo Sousa, "Quando lidamos com um edifício histórico, ou mesmo vários deles, é necessário verificar o grau de contribuição que estes têm para com o local, para que então possam ser realizadas as intervenções. (SOUSA, 2017, p.12).

A escolha das formas como estas intervenções serão realizadas, dependem, tanto quanto, de como se encontra a situação de preservação de cada edifício. A atual situação de conservação/manutenção dos edifícios de caráter histórico da cidade de Jaraguá não é das melhores. Das oito edificações preexistentes que passarão pelo projeto de intervenção, seis delas estão em um estado deplorável, algumas entrando em estado de ruínas. Atrelado a isso, está a falta de interesse e poder econô-



mico do poder público e dos proprietários dos imóveis.

Em resposta a estas problemáticas, a intervenção irá proporcionar a geração de renda para a cidade, o resgate da memória local e um aumento da atração turística. De acordo com as Normas de Quito (1967) [?], se um monumento está restaurado ou preservado adequadamente e mantém o seu conjunto urbano valorizado, isso de alguma forma acaba constituindo não só uma lição viva de história como uma legítima razão de dignidade nacional. As Normas também estabelecem que:

Os valores propriamente culturais não se desnaturalizam e nem se comprometem ao vincular-se com os interesses turísticos e, longe disso, a maior atração exercida pelos monumentos e a fluência crescente de visitantes contribuem para afirmar a consciência de sua importância e significado nacionais. (NORMAS DE QUITO, 1967, p. 06).

A partir do reconhecimento de toda a localidade, principalmente da área urbana e da área rural, se esclarece, mais a fundo, as necessidades que, tanto a população quanto ao sítio histórico do município, possuem. Uma das poucas cidades do país em que seu centro histórico não é apresentado como orgulho turístico. A falta de cuidados e investimentos com o patrimônio arquitetônico da cidade representa uma grande perda para o turismo e a cultura local.

O objetivo geral é fazer com que esta intervenção mude as atuais condições do centro histórico da cidade de Jaraguá, a tornando um local de novas vivências como também conservando e mantendo as intervenções, a fim de valorizar as raízes e potencializando os novos usos das edificações. A princípio, foi realizado um o reco-

nhecimento de todo acervo arquitetônico resistente e que de alguma forma tenham um valor significativo para a cidade ou um estilo arquitetônico que o caracteriza como um tipo. Em sequência foi se mapeada todas essas edificações e delimitado um recorte espacial entre os anos de 1736-1960, assim elaborado fichas de inventário de conhecimento de todo o acervo sendo eles, imóveis, móveis e integrados.

Em seguida foi realizado um levantamento para selecionar as edificações que passarão pelo projeto de intervenção, que se totalizarão em oito edifícios, sendo um do período colonial, quatro do período tradicional, dois do período eclético e um do período Art déco. Após essa seleção foi se realizado o levantamento histórico, o levantamento métrico cadastral, o reconhecimento do estado de conservação, as patologias e desse modo foi possível desenvolver o projeto de intervenção sempre consultando as cartas patrimoniais, legislações e as diferentes teorias de restauração. Juntamente com essa proposta a um projeto urbanístico que abrange a praça Silvío de Castro Ribeiro, a rua Manoel Marcelino Alvarez da Silva, rua Ernesto da Mata, rua Pedro Batista, rua do Rosário, rua Ana Andreia Augusta, rua das Flores, o largo de Santana e a praça Presidente Getúlio Vargas. Essa concepção urbanística tem o intuito de criar uma conexão entre esses edifícios a fim de desenvolver um circuito entre os edifícios selecionados que fazem a ligação de todos como um circuito cultural.

LEGENDAS:

[f.1] Vista Geral do Largo da Matriz no ano de 1959, vendo-se à esquerda o Solar dos Felix de Souza e à direita a Igreja de N. S. da Conceição. Fonte: (IPHAN) Edgard Jacintho da Silva.





Museu Securo
Nova Senhora da Chancelaria



Os Antecedentes Históricos do Arraial do Córrego de Jaraguá

NOTAS:

[4] CASTRO, José Fabrício Soares de. **A sociedade Colonial Jaraguense**. Goiânia, Monografia, Apresentada no Departamento de História, Geografia e Ciências Sociais, da UCG, 1998, p-31.

[5] Sítio arqueológico Histórico da fazenda São Januário.

[6] SOUZA, Margareth de Lourdes. **Arqueologia Histórica Aplicada ao Reconhecimento de uma Fazenda Colonial**. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado, 1995, pp-99-100.

[7] SOUZA, Margareth de Lourdes. **Sítio Arqueológico São Januário e a Capela de São Januário**. Anápolis, UEG, Aspectos histórico-sociais de Jaraguá, 2012, p 35.

[8] FONSECA, Luciano da. **Jaraguá: Tradição e Modernização**. Goiânia, UFG, Dissertação de Mestrado, 1999, f.252.

[9] ROMACHELI, Maria Helena de Amorin, **Parceiros da História**. Artigos Publicados, 2009, p.25.

[10] SOUZA, Margareth de L. **Projeto Estrada do Nascente**. Goiânia, 2005, 7v.

Os documentos existentes no Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia (IGPA), referentes à presença de seres humanos em Goiás, afirmam que são registrados indícios da existência de homens, tanto no Brasil Central quanto em Goiás, por volta de 12 mil anos. Estes apontam uma grande diversidade de sociedades indígenas habitando o território goiano há milhares de anos, chegando ao número de vinte tribos diferentes e, dentre elas os Kayapó, dos Jê, dos Xavante, dos Xerente, dos Canoeiros e outras. Castro afirma que:

Ao escrever sobre a sociedade colonial jaraguense as "pesquisas arqueológicas em Goiás apontam indícios da existência humana, por volta de 12 mil anos, no Brasil Central." [4]

Em Jaraguá, as pesquisas realizadas pelo (IGPA), na localidade denominada de São Januário [5], constataram que na localidade não há registro de assentamentos de caçadores pré-históricos. Por outro lado, os vestígios arqueológicos dão sustentação à presença de um grupo horticultor, provavelmente com características indígenas.

Conforme Souza (2012) [6], Esse sítio Arqueológico Histórico localiza-se a 7,5 km da sede municipal, nas coordenadas UTM central E-674.984m e N: 8.252.399m (Fuso 22, SAD, 69), implantado num amplo terraço abandonado flúvio-aluvial, alçado ao redor de 10 metros acima do nível de base local do rio Pari.

Para entender o sítio arqueológico histórico São Januário, foi se pesquisado o registro arqueológico da área de ocupação e foi constatado que essa localidade era ocupada por uma grande fazenda de Engenho, Construída em meados dos anos de 1729. O

Engenho de São Januário em Jaraguá apresenta o modelo de manufatura do açúcar de Goiás, com disseminação de grandes unidades em número reduzido, seguido de pequenas e médias unidades de produção, seja de açúcar, de aguardente ou ambas, instaladas no entorno da área urbana (arraiais) e próxima aos caminhos/estradas, associadas a atividades agropastoris vinculadas ao comércio regular que proporciona sua existência com o declínio da produção aurífera.

E em relação ao programa arquitetônico proposto para a área, definiu-se que o programa arquitetônico do Engenho São Januário é característico de engenhos abertos, com edificações em blocos, concentrados em espaço definido e que todas as unidades estão interligadas funcionalmente: Monjolo, Olaria, Unidade residencial e Senzala, Capela e o Engenho. A ruínas da capela [f.03] conotada como símbolo religioso encontra-se em local de destaque na topografia e em posição centralizada com as demais construções. Segundo Andreatta apud Souza (2012) necessariamente nem todos os engenhos possuíam uma casa sede, existindo um local para moradia do "encarregado" ou capataz, por vezes na própria Capela.

Ao decorrer dos anos os processos intempéricos contribuíram para a destruição do sítio, contudo a ação antrópica veio determinar sua aceleração, anteriormente, a destruição era gradual, entretanto tomou um ímpeto vertiginoso, no século XX, com as escavações de garimpeiros que invadiam a área, procurando o ouro "escondido pelos



escravos" e que supostamente estariam nas fundações e nos vértices das paredes [f.04].

Há de se acrescentar que a área foi arrendada, por um determinado período, por outros "garimpeiros" que reviraram a área da capela, desmontando as estruturas arquitetônicas, e realizando cortes com mais de 3 metros de profundidade o que veio a principiar processos erosivos, assim como ação mecanizada de desmatamento e aragem da terra para as atividades agropastoris. (SOUZA, 2012, p.38). [7]

Souza (2012), ainda afirma que a destruição do entorno das ruínas foram contínuas e intensivas, no ano de 1940, a Capela e outras edificações foram desmontadas para construção da barragem de uma usina hidrelétrica de pequeno porte [f.05], (medindo aproximadamente 40 metros de comprimento, 10 metros de largura e 20 metros de altura). Tal usina jamais "entrou" em funcionamento, por ausência de planejamento técnico.

Conforme Fonseca (1999) [8], Os arqueólogos, ao realizarem suas pesquisas no sítio, informaram que encontraram algumas representações antropomorfas, ou seja desenho semelhantes à imagem de um homem gravados em uma pedra [F.06]. Ao analisar essa descoberta no ano de 1995, não foi possível saber ao certo o que os desenhos se tratavam. Mas após o passar dos anos a Historiadora Maria Helena Romacheli afirma que:

Neste Sítio arqueológico, já registrado pelo IPHAN, existe um petróglifo. Nele está registrada a palavra PAI, e uma seta mostrando exatamente a direção do seu caminho aos índios Goya. (ROMACHELI, 2009, P.21). [9]

Concluindo assim que as primeiras ocupações na região do município de Jaraguá, acontecerem no início do século

VXIII. E o Engenho de São Januário foi um marco na colonização existente na região e teve este local escolhido por seu proprietário, por estar em lugar estratégico, ou seja, próximo à Serra de Jaraguá, ao Rio Pari e à Estrada Real, onde se desenvolviam atividades agropecuárias conjugadas à mineração.

Apesar de não ser descoberto referências a respeito da existência de um núcleo urbano na área de São Januário, as dimensões da Capela de São Januário são um tanto avantajadas para compor a capela de um engenho, comparando-a com outras Capelas de engenhos no Estado de Goiás. E não há como negar a existência do Engenho de São Januário, que está comprovada pela existência de documentação arquivística, cartográfica e arqueológica.

A localidade de São Januário além de ser uma sede de Engenho, com função de produção de bens de consumo, constituía um povoado ou um local de pouso de tropas e boiadas que seguiam em viagens pela Estrada Real para a Vila Boa (SOUZA, 2005) [10].

Destaca-se que não foi encontrado referências históricas na documentação de grupos indígenas na região, sendo que a área integra a região do grupo Kayapó, expropriado de suas terras pela expansão da colonização portuguesa.

LEGENDAS:

[f.3] Ruínas da Capela de São José, localizada no sítio histórico arqueológico São Januário. Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

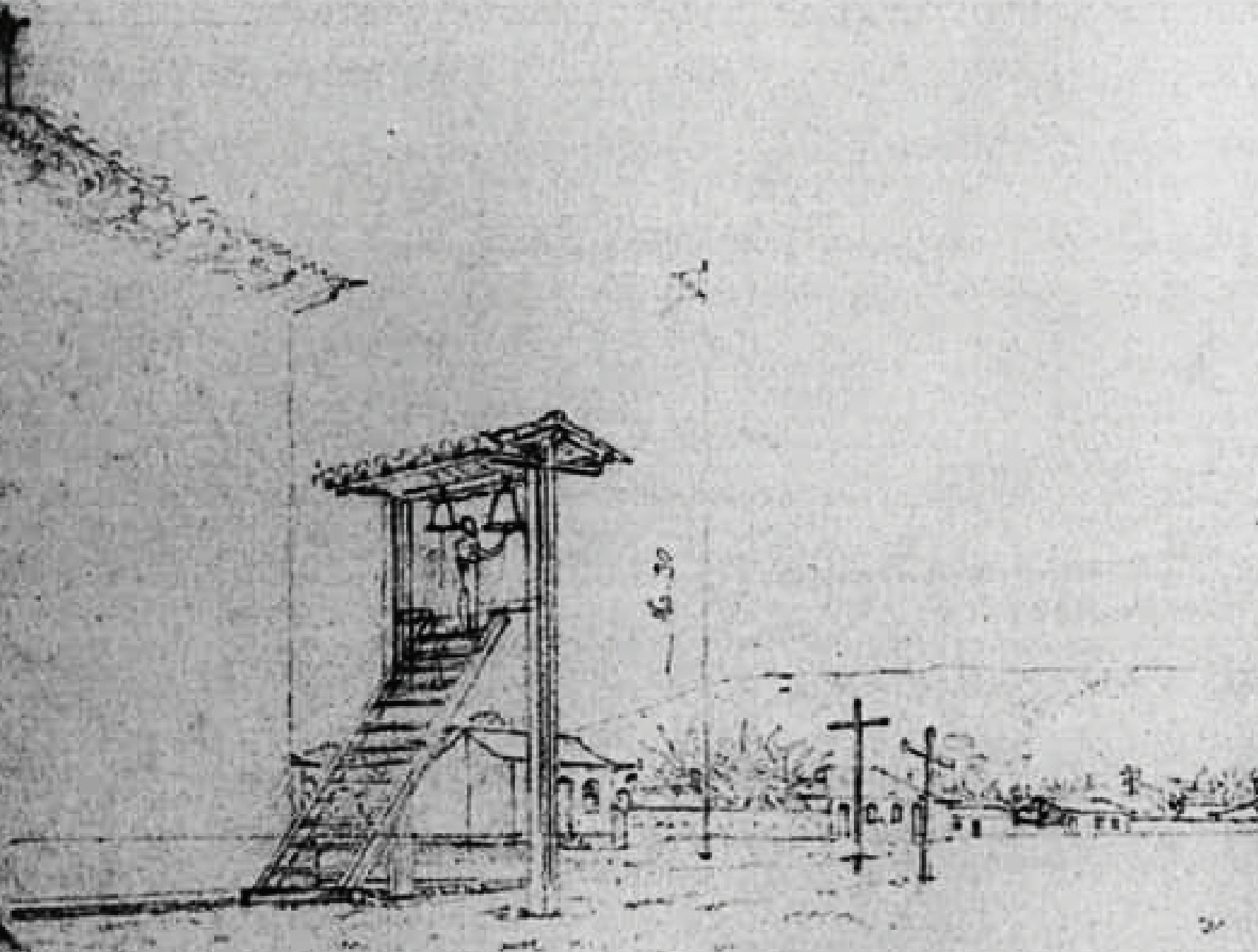
[f.4] Buraco deixado pelos escavadores na década de 1940. Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

[f.5] Ruínas da Barragem da usina hidrelétrica, construída com as pedras da capela de São José. Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

[f.6] Pedra onde se encontra as gravuras antropomorfas. Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

[f.7] Gravuras antropomorfas encontradas no Sítio petróglifo. Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.





[f.08]

1910/15

Arquitetura do Grupo de Jeraquã

As Teorias em torno da Fundação de Jaraguá

Através de alguns documentos pode-se afirmar que as origens do município de Jaraguá remontam à primeira metade do século XVIII, o “século do ouro”, juntamente com Vila Boa (1726), Santa Cruz (1729), Meia Ponte (1731), Traíras (1735) Pilar de Goiás (1741) e outros que nasceram no contexto das atividades da mineração na província de Goiás.

Pedroso (2012), afirma que a cidade de Jaraguá surgiu com a exploração do ouro no século XVIII como arraial do Córrego de Jaraguá. Posteriormente, tornou-se Vila de Jaraguá, pertencendo ao Julgado de Meia Ponte (nome anterior de Pirenópolis), vindo a se emancipar em 1882 [11]. Mas se criou uma polêmica entre estudiosos da história da cidade sobre essa relação entre o descobrimento do ouro e o início da formação do núcleo populacional que se tornou, depois, cidade de Jaraguá.

Conforme Militão, [12] a fundação de Jaraguá se deu na Fazenda de engenho São Januário, Hoje sítio histórico arqueológico, na qual, em 1729, tinha como meio de sustentação econômica, além da mineração, a agricultura de subsistência e uma pequena criação de gado. Situava-se na estrada para Vila Boa, onde existia uma capela erigida a São José, formando neste local “um pequeno aglomerado habitacional à margem do córrego Marinho entre o rio Pari e a serra de Jaraguá”.

Outra hipótese relacionada ao descobrimento de Jaraguá é levantada por Artiaga [13]. Segundo seus escritos, a fundação do Arraial deu-se no ano de 1731, por Manoel Rodrigues Thomaz, que após ser processado em meia ponte e ter assinado um termo de

bem viver “saiu para Jaraguá, onde achou ouro; em 1731, levantou muitos ranchos e dirigiu-se para o Norte”. [00]

Silva e Souza apud Fonseca (1999), esclarece à história do povoamento goiano, formulando outra hipótese sobre a fundação de Jaraguá, mostrando que a exemplo dos arraiais de Cocal, Pilar e Tesouras, o arraial do córrego de Jaraguá é fruto da economia mineradora [14]. E dizem que o **“Córrego de Jaraguá Arraial do [...], pequeno e muito povoado, foi descoberto por negros fiscoadores em 1737”**.

Ainda a respeito das hipóteses da fundação, Cunha Mattos afirma que “desde o ano de 1737, está assentado o arraial de Jaraguá Junto ao ribeirão de Jaraguá ou Água suja em terreno desigual,” [15] onde negros e escravos fugitivos práticos em escavações, já garimpavam ouro em abundância em minas do município, dentre elas as minas dos córregos Lajeado, Raizama, Vermelho, Água Vermelha, rios Pari, Almas e dos Patos. Além da região próxima da serra de Jaraguá, na qual ainda existiam vestígios presentes em vários lugares desse processo de garimpagem, do século XVIII.

Após apresentar as hipóteses sobre a fundação do município de Jaraguá, apesar de não se encontrar a data definitiva. Houve no ano de 2010 um simpósio, denominado com “Projeto de Fundação de Jaraguá” organizado pelo Historiador João Luiz das Graças Soares, onde por meio desta reunião foram definidos e criado um consenso, que define o ano de fundação da cidade como o ano de 1736.

NOTAS:

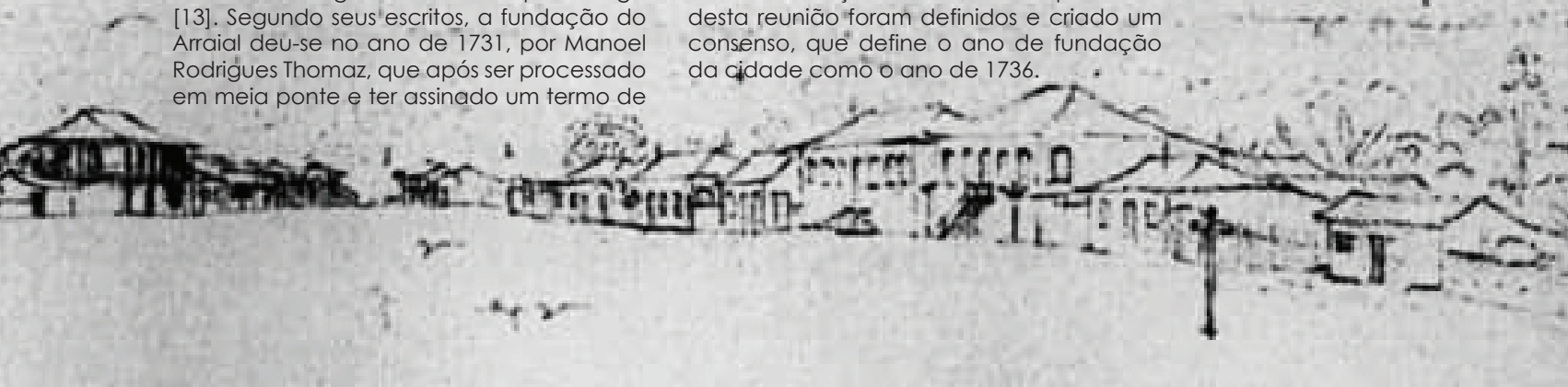
[11] PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **História e Memória**: debate sobre a construção histórica da origem e fundação de Jaraguá-GO. Anápolis:Universidade Estadual de Goiás, 2012. p. 13.

[12] MILITÃO, Joaquim. **Pequena História de Jaraguá**. Jaraguá, 1970, moneografado.

[13] ARTIAGA, Zoroastro. **Geógráfia Econômica e Descritiva do Estado de Goiás**. Goiânia, Tomo I, Tipologia Triângulo, 1951. p-68.

[14] SILVA E SOUZA, Luiz a, da. **O descobrimento da Capitânia de Goyas; Governo, Populações e coisas notáveis (1812)** In. TELES, José Mendonça. Vida e Obra de Silva e Souza, Goiânia, 1978, p. 118 e 119.

[15] CUNHA MATTOS, Raymundo José da. Op. Cit., p 34 e 35.



LEGENDAS:

[f.08] Desenho realizado ainda no ano de 1828 pelo Viajante William John Burchell, quando visitava o Arraial do Córrego de Jaraguá. Fonte: Prefeitura Municipal de Jaraguá.

O Desenvolvimento Inicial e a Consolidação do Arraial

NOTAS:

[12] CHAUL, Nars Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás da Construção da Decadência aos limites da Modernidade**. 3. ed. - Goiânia: Editora UFG, 2010.

[13] FONSECA, Luciano da. **Jaraguá: Tradição e Modernização**. Goiânia, UFG, Dissertação de Mestrado, 1999, f.252.

[14] BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central: ECO-História do Distrito Federal: do indígena ao colonizador**. Brasília, solo. 1994. CEDOC. Reportagem Histórica sobre o Município de Jaraguá. Publicada no Jornal O Popular, Goiânia, em 06/10/1979.

[15] POHL, Johan Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte. USP. São Paulo. 1976. p-118-119.

[16] BERTRAN, Paulo. (org.) **Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1778**. Goiânia/Brasília. UFG. p- 83.

[17] EMCIDEC/DADM. **Inventário do Patrimônio Cultural**. Volume II. Goiânia, 1992. S/p

LEGENDAS:

[f.9]Largo da Matriz no ano de 1882.

Fonte: Prefeitura Municipal de Jaraguá.

[f.10]Largo da matriz no início do século XIX, ao fundo pode se notar moradores jogando vôlei de frente a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Fonte: Câmara Municipal de Jaraguá. Arquivo Pessoal, 2018.

[f.11] Festa de Pentecostes no ano de 1942.

Fonte: Câmara Municipal de Jaraguá.

Como citado anteriormente a cidade de Jaraguá surgiu com a exploração do ouro no século XVIII como arraial do Córrego de Jaraguá. Posteriormente, tornou-se Vila de Jaraguá, pertencendo ao Julgado de Meia Ponte (nome anterior de Pirenópolis), vindo a se emancipar em 1882.

Chaul (2010) [12] afirma que, os inúmeros estudos sobre o avanço da colonização em Goiás apontam Bartolomeu Bueno da Silva, o "Anhanguera", como o legítimo desbravador das terras goianas, a partir de 1722. No enteando Fonseca (1999)[13] também afirma que outras diversas bandeiras, desde 1590, já tinham adentrado o território de Goiás como, por exemplo, a de Domingos Luiz Grou e Antônio Macedo, vindas de São Paulo (1590-1593).

Assim, o desbravamento das terras goianas deu-se logo após o descobrimento do metal precioso em Minas Gerais e Mato Grosso, no último quarto do século XVIII. Quando a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva (O Anhanguera II), fixou-se em território goiano em 1726, encontrando ouro nas proximidades de Santa'Anna, de Ouro fino e do Arraial da Barra etc, possibilitando, início do povoamento da Capitania de Goiás. Chaul afirma que:

O Arraial de Sant'Anna foi fundado por Bartolomeu Bueno em sua terceira visita ao sertão goiano, numa viagem que durou seis meses de São Paulo até aqui. Erguido às margens do Rio Vermelho, o arraial receberia, mais tarde, o nome de Vila Boa, localidade que viria a ser capital da futura capitania de Goiás. (CHAUL, 2010, p. 34).

Bartolomeu Bueno da Silva e Manoel Rodrigues Thomaz, foram os grandes descobridores das minas que resultaram na formação dos povoados de Goiás, no período da economia mineradora em sua fase denominada de "febre do ouro".

Conforme Fonseca (1999), dentre os arraiais descobertos por Bartolomeu Bueno destacam-se os seguintes: O Arraial de Sant'Anna (1726), Arraial do Ferrero (1726), Arraial da Barra (1728), Arraial das Antas (1729), Arraial de Santa Rita (1729), Arraial do Ouro Fino (1729) e outros de menor importância no contexto da economia mineradora na Capitania de Goiás. Outro descobridor de minas foi Manoel Rodrigues Tomás que, na terceira década do século XVIII, entre os anos de 1731 e 1737, fundou os Arraiais de Meia Ponte (1731), Arraial do Córrego de Jaraguá (1732), Crixas (1734), São José do Tocantins (1735), Traíras (1735), Pilar (1741) e outros.

Sob a responsabilidade do governo paulista, desde o início da exploração das minas goianas, somente em 1749 foi instalada a Capitania de Goiás, tendo como

governador Dom Marcos de Noronha, conhecido como Conde dos Arcos. Antes, porém, da instalação da Capitania, os admiradores das terras goianas foram três: o primeiro foi Bartolomeu Bueno da Silva, "o desbravador de Goiás", mais conhecido como "Anhanguera", o segundo foi Dom Antônio Luiz Távora, o famoso Conde de Sarzedes, que morreu em Traíras no ano de 1737; o terceiro administrador foi Dom Luiz Mascarenhas, que erigiu à Vila o Arraial de Santa'Anna, que passou a ser chamado de Vila Boa de Goiás, em homenagem ao descobridor das minas de Goiás, em 1739.

Como outros municípios goianos originários da mineração, guarda uma fisionomia representada por "uma praça no centro, com uma igreja, denominada Matriz, para onde convergem as ruas geralmente tortuosas por causa do relevo acidentado." Fonseca afirma que:

Os processos de estruturação da sociedade são muito parecidos, pois a presença de movimentos que caracterizam mudanças sociais em suas conjunturas só será vista, em suas relações e base material, à medida em que o avanço do sistema de produção capitalista, vai incorporando seus territórios ao mercado nacional.(FONSECA, 1999, p.42).

A cidade de Jaraguá está incluída como um relevante município que teve sua origem no decorrer da economia mineradora e se consolida a partir da economia agropastoril. Bertran explica que: ainda princípio do século XIX, era comum a garimpagem, e a cidade era intensamente povoada. Porém assim como Meia Ponte e Corumbá, vilas "sobrepostas ao cruzamento viário de Goiás da época, já assistia em Jaraguá sua conversão à economia agropecuária". [14]

O processo de transição da economia mineradora para a economia agropastoril possibilitou a reorganização das forças produtivas locais, ocorrendo um deslocamento natural das populações ocupadas nos veios e aluviões para as localidades rurais, isto é, para os estabelecimentos de lavouras. E criações de gado, dando uma nova configuração ao território goiano, possibilitando, uma debanda da população para sítios e lavouras.

Fonseca (1999) afirma que a partir de pesquisas e do contato com alguns dos viajantes do século XIX, se pode verificar que esse processo não foi igual em toda a capitania. Ao se analisar o mapa administrativo de 1804, referente à situação do povoamento da capitania de Goiás percebe-se que o Arraial do Córrego de Jaraguá estava entre os mais movimentados.

Na tentativa de mostrar que Jaraguá aproveitou-se da nova conjuntura econômica baseada nas fazendas de gado e na agricultura distribuídas de norte a sul e leste a oeste do seu território. Um dos viajantes chamado Johan Emanuel Pohl esteve no arraial em 1819, e que deixou a seguinte impressão: que os habitantes da localidade sobreviviam com o cultivo de gêneros alimentícios, ganhando o sustento com a criação de gado e o cultivo dos tradicionais frutos da terra. Ainda revela que durante sua estadia no arraial nem ele e nem seus animais sofreram necessidades por falta de alimentos. [15]

Já em 1828, outro viajante que passou pelo arraial e deixou uma informação sobre a situação do núcleo urbano de Jaraguá no contexto da sociedade goiana é Burchel. Em suas afirmações além de demonstrar a primeira imagem do povoamento de Jaraguá através de um desenho feito da antiga igreja de Nossa Senhora da Penha e da praça central [f.08]. Afirma que o arraial tinha sido transformado em centro receptor de migrantes. Sendo assim, o Arraial na opinião do autor, no final do século XVIII e início do século XIX, tornou-se centro colonizador de Goiás, criando com isso condições para que diversas famílias se estabelecessem no arraial dentre elas: Felix de Souza e Ribeiro de Freitas. [16]

Confirmando as colocações de Burchel, Jaraguá estava entre os núcleos habitacionais mais desenvolvidos da Província de Goiás, a exemplo de Meia Ponte (Pirenópolis), Santa Luzia (Luziânia), Porto Real (Porto Nacional).

Assim, podendo supor através dos registros feitos pelos viajantes que estiveram no arraial no início do século XIX, que em seu núcleo urbano se evidenciam algum investimento modesto, no entanto, bastante representativo diante da ruralização da província e da derrocada de vários núcleos populacionais. Em Jaraguá, constatava-se a praça da Igreja Matriz, abertura de novas ruas, construção de novas casas, comércio com diversas lojas e uma oficina de ferreiro. Tendo como destaque a Igreja de Nossa Senhora da Penha pelos seus cinco altares e o tratamento ornamental. "No arraial encontram-se casas 'boas e asseadas' onde por vezes com certeza mais abastadas, existiam mobiliário e utensílios ricamente trabalhados." [17]

Portanto, foi esse contexto socioeconômico no qual se deu a formação e a consolidação do povoamento da cidade de Jaraguá. Devido à escassez de documentos, várias questões do período colonial/tradicional não puderam ficar resolvidas.



[f.09]



[f.10]



[f.11]

As Categorias de elevação da Cidade "Paróquia, Vila e Município"

NOTAS:

[18] CUNHA MATTOS, Raymundo José da. Op. Cit., p 34 e 35.

[19] FONSECA, Luciano da. **Jaraguá: Tradição e Modernização**. Goiânia, UFG, Dissertação de Mestrado, 1999, f.252.

Jaraguá participou ativamente do processo de desenvolvimento socioeconômico e cultural de Goiás. Diversos são os dados referentes a esse momento que apresentam o arraial contextualizado ao desenvolvimento da Província, pois, em 1831, foi elevado à condição de paróquia com a denominação de Nossa Senhora da Penha de Jaraguá.

Nesse contexto, Cunha Mattos registrou que no decorrer do segundo quarto do século XIX, "prosperidade" no arraial de Jaraguá ao apresentarem dados referentes ao núcleo urbano, demonstrando seu crescimento e o seu desenvolvimento o que favoreceu bastante para sua elevação à categoria de vila, em 1833, tornando-a, com a criação da Guarda Nacional na década de 1830 pelo Império num centro militar.[18]

Fonseca (1999), afirma que os impactos resultantes da implantação da Guarda Nacional em Jaraguá também podem ser vistos, ao se analisar, os números de habitações construídas entre os anos de 1819 e 1840, de onde pode se afirmar que Jaraguá, aproveitando-se de uma conjuntura favorável, possibilitou ao seu núcleo urbano sua primeira transformação.[19] Segundo documentos disponibilizados pelo Cartório de registro de bens imóveis de Jaraguá, [no ano de 1819, havia duzentos imóveis, enquanto que os dados referentes ao número de habitações de 1840, ou seja, após a implantação da Guarda Nacional na vila, demonstram que ocorreu um significativo aumento de casas no núcleo urbano de Jaraguá, alcançando o número de quinhentos e noventa e cinco habitações.

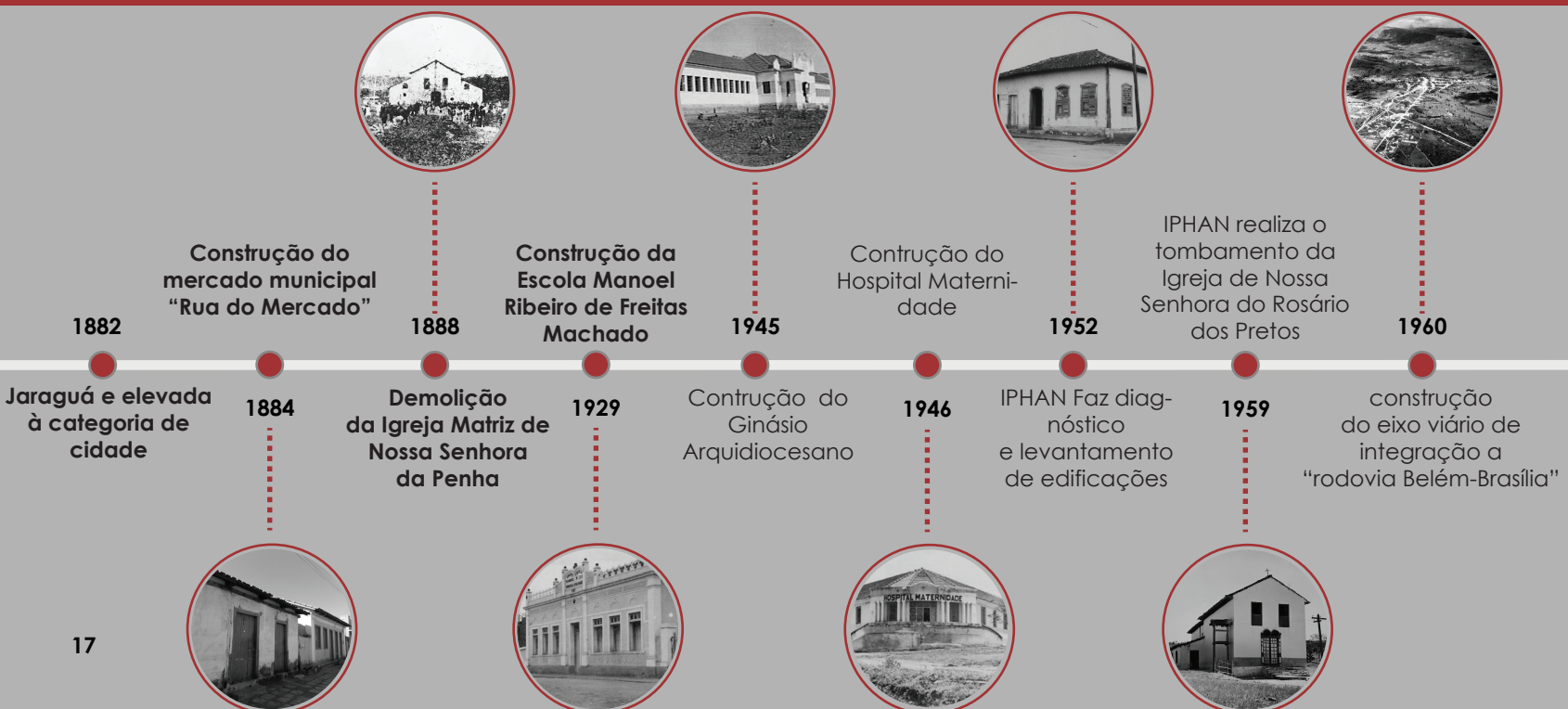
Após sua elevação à categoria de vila, a comunidade de Jaraguá passou a contar com algumas instituições, que demonstram um princípio de organização política e administrativa como: a Coletoria, a Câmara Municipal e mais o Termo Judicial que a partir da segunda metade do século XIX, foi transformado em comarca do Rio das Almas com sede em Jaraguá.

De fato, um elemento de fundamental importância para o núcleo urbano de Jaraguá naquele período. Pode-se supor que a presença deste Termo Judicial passou a colaborar bastante para a diminuição da violência, muito comum para Jaraguá por ser uma vila, que servia de intercâmbio entre diversas localidades do Brasil e a Capital Vila Boa. Com o Termo Judicial da Comarca do Rio das Almas estabelecido na cidade foram realizadas várias obras públicas e um fato merece destaque a construção da Cadeia.

Sobre o núcleo urbano do Arraial do Córrego de Jaraguá, outros dados relacionados com a questão são da segunda metade do século XIX, isto é, de 1872, quando a vila de Jaraguá, dez anos antes de ser elevado à categoria de cidade, contava com o número seiscentos e vinte e oito habitações. Assim, o aglomerado urbano passou por transformações desde o segundo quarto do século XIX, continuando até o último quarto, quando em 29 de junho de 1882, foi elevado à categoria de município e passou a ser chamado apenas de Jaraguá. Uma breve cronologia criada a partir da elevação a categoria de cidade até os tempos atuais, para uma compreensão melhor dessa evolução.

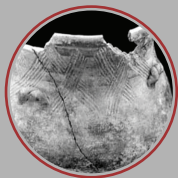
LEGENDAS:

[f.12] Vista Parcial da cidade de Jaraguá no ano de 1956. Fonte: Câmara Municipal de Jaraguá.





[f.12]



1992

Tombamento da Igreja de Nossa Senhora da Conceição



2000

Término da nova matriz de Nsa Sra. da Penha



2008

Jubileu de 180 anos da paróquia de Nossa Senhora da Penha.

1980

Realizações das expedições do sítio arqueológico da fazenda São Januário.

1996

Demolição e início da construção da Nova Matriz de Jaraguá

2004

Casa do Padre Silvestre e Tombada pelo Estado

2013







A Igreja e a Comunidade

NOTAS:

[20] CUNHA MATTOS, Raymundo José da. Op. Cit., p 34 e 35.

[21] FONSECA, Luciano da. **Jaraguá: Tradição e Modernização**. Goiânia, UFG, Dissertação de Mestrado, 1999, f.252.

LEGENDAS:

[f.13] Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Fonte: próprio autor

[f.14] Igreja de Nossa Senhora da Conceição

Fonte: próprio autor

[f.15] procissão da Via Sacra com Farricocos e fiéis devotos

Fonte: próprio autor

[f.16] casa onde viveu o padre Silvestre Álvares da Silva, um dos mais importantes personagens do contexto histórico de Jaraguá.

Fonte: próprio autor

[f.17] Corporação musical Santa Cecília

Fonte: próprio autor

[f.18, 19 e 20] Irmãos do Santíssimo Sacramento durante os festejos do Divino Espírito Santo.

Fonte: próprio autor

Um elemento básico na estruturação da comunidade jaraguense foi a Igreja católica Apostólica Romana, que segundo os livros de batizados e matrimônios do acervo do arquivo diocesano da Paroquia de Nossa Senhora da Penha, esteve presente na localidade desde 1736.

De acordo com alguns viajantes que passaram em Jaraguá ainda no século XIX, descreveram a cidade como consolidada através da infraestrutura representada pelas seguintes construções: a Igreja de Nossa Senhora da Penha (1748)[f.09], Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1776)[f.14] e Igreja de Nossa Senhora da Conceição (1828)[f.15]. Cunha Mattos retrata em seus escritos que:

“a 1ª Igreja de Nossa Senhora da Penha, com cinco altares mui decente e bem ornada pelo Padre Silvestre Álvares da Silva e a 2ª Ermida de Nossa Senhora do Rosário tem dois altares um deles bem dourado. É de mediana grandeza e está mui aseada.”[20]

Por outro lado Saint-Hilarie, apud Fonseca (1999)[21], afirma que as celebrações das missas eram de bom tom e o padre tinha facilidade de falar aos fiéis. No entanto o que impressionou o francês, foi a existência de alguns costumes vividos pelos seus habitantes e que até hoje resiste na comunidade jaraguense. Um deles praticado pelos fiéis, onde uns participam de algumas procissões e cerimônias religiosas descalças [f.16].

Nesse contexto, um personagem da igreja nascido em Traíras, filho de família radicada no arraial desde o final do século XVIII, chamado Padre Silvestre Álvares da Silva [f.17] teve um papel fundamental na sociedade jaraguense. Pois ele com seu coadjuvante o padre Manoel Ribeiro de Freitas conseguiu estabelecer em Jaraguá alguns dos principais festejos que proporcionam à comunidade jaraguense sua integra-

ção social (festa do Divino Espírito Santo e São Sebastião). Por outro lado, O padre Manoel Ribeiro de Freitas foi responsável pela criação da primeira banda de música de Jaraguá, a banda Santa Cecília [f.18].

Outro fator, relacionado a igreja e que está escrito nos livros do acervo do arquivo diocesano, foi o estabelecimento do dia 05 de junho de 1838, da “Irmandade do Santíssimo Sacramento”. Que tinha como proposta fundamental organizar as celebrações, festejos e mostrar o valor do sacramento da Eucaristia. Essa organização foi implantada pelo padre Silvestre Álvares da Silva, que também foi autor de seu regulamento.

Tal regulamento que descrevia como citado anteriormente “que a irmandade deveria organizar as celebrações de missas, festejos e mostrar o valor do sacramento da Eucaristia.” Mas ao passar dos anos com a modernização da igreja e a criação de outras organizações a irmandade do santíssimo Sacramento no contexto religioso da cidade nos tempos atuais, atua como guardiões da eucaristia [f.19, 20 e 21].

A Igreja católica no período do padre Silvestre Álvares da Silva, era a religião oficial do Império, então naquela época o catolicismo era bastante forte, mas ao decorrer dos anos com a evolução da cidade foram chegando novas religiões como o evangelicalismo e o espiritismo. Mas mesmo assim com a introdução dessas religiões no município, os princípios católicos ainda se mantem majoritários.

Desse modo, a cidade teve seu elemento integrante junto a religião católica e onde boa parte da comunidade se integra socialmente com os advindos dos tempos passados e de um personagem que de fato marcou a história dos católicos e da cidade.

[f. 13]



[f. 14]



[f.15]



[f.18]



[f.16]



[f.19]



[f.17]



[f.20]



Elementos de Integração Social

A religião, no contexto da sociedade tradicional, cria diversos elementos que proporcionam aos habitantes de Jaraguá laços de solidariedade. Sendo um meio precioso de reunião para aqueles que vivem separados de seus vizinhos “reunião que promove a coesão do grupo, favorecendo melhores condições para que exerça o controle social.” Nesse contexto, a religião é um instrumento de primordial importância na luta contra as adversidades e sofrimento da vida terrena. Consistindo principalmente em procissões, novenas, romarias, mesas propiciatórias e outros.

Quando a religião foi implantada no município de Jaraguá desde os primórdios da colonização paulista no decorrer do século XVIII, dando condições para que a sociedade, como um todo, não somente criasse bases para o sustento material, mas elaborasse diversas formas de representações espirituais de laços de solidariedade que proporcionam a integração social. Assim, a população, sem distinção de classe, conseguiu ao longo dos anos manter a unidade representada por algumas festas religiosas (São Sebastião, 20 de Janeiro, Divino Espírito Santo, Pentecostes, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito segunda e terça subsequente ao Pentecoste, Nossa Senhora da Penha, 8 de Setembro). Somada aos festejos jaraguenses, surgiu também a banda de música Santa Cecília tão importantes no processo de integração que passou a fazer parte direta e indiretamente da comunidade.

As festas religiosas têm grande influência no município, pois sempre deixam os templos e ganham as ruas e praças transformando a cidade nos dias de festejo. Isto acontece, principalmente nos festejos de São Sebastião (11 a 20 de Janeiro)[f.21], Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, (no dia de Pente-

costes)[f.22], Nossa Senhora da Penha (30 de agosto a 08 de Setembro)[f.23]. Desde a década de 1830, durante os festejos em Jaraguá do primeiro ao nono dia de festa sempre às dezenove horas são celebradas as novenas aos santos [f.24]. No nono dia, ou melhor, no sábado, principalmente no festejo do Divino a cidade após oito dias de festividades religiosas, com novenas, rezas, alvoradas, músicas e reuniões, inicia os folguedos populares. Após o Almoço que geralmente é comunitário, em casa de um dos cavaleiros ou do imperador,[f.25] às 14:00 horas, se inicia as cavalhadas. Ainda no sábado, ao anoitecer ocorre o levantamento do mastro, queima de fogos e a queima da fogueira [f.26].

Por outro lado, em todas as festas sempre aos sábados, à noite se realiza a procissão, que geralmente sai da Praça do rosário e chega até a Praça da Matriz. Neste local, em uma cerimônia especial reza-se o terço, e acende-se a fogueira e os fogos de artifício iluminam a praça, muita música executada pela banda e no final do ritual, as saudações de vivas aos Espírito Santo, a Nossa Senhora do rosário, São Benedito, São Sebastião, Nossa Senhora da Penha e outros [f.27].

Durante os festejos a cidade é tomada por pessoas de vários locais. Geralmente, todas as festas começam com uma festiva alvorada. Os devotos acompanhados pela banda de música “Santa Cecília” compartilhando de grandes momentos de fraternidade. Tais alvoradas (em números de três: 1º, 6º e no 9º dias) partem da porta da igreja Matriz, onde se cantam hinos aos santos, em seguida a banda sai pelas ruas executando músicas tradicionais (valsas, dobrados, marchas, galopes e outras). Após a andança pelas ruas e praças, e costume servir um café com mesas de doces e bolos variados.[f.28]

LEGENDAS:

[f.21]Altar da festa do Mártir São Sebastião festejos de 2017

Fonte: PASCOM

[f.22]Altar da Festa do divino Espírito Santo, festejos de 2014

Fonte: PASCOM

[f.23]Altar da Festa de Nossa Senhora da Penha, festejos de 2014

Fonte: Breno Henrique

[f.24]Missa da Novena em Honra ao Divino Espírito Santo, festejos de 2014

Fonte: PASCOM

[f.26]Almoço da Folia do Divino na casa do Imperador, festejos de 2017

Fonte: LOLEK Imagens

[f.27]Queima de fogos em honra a São José, festejos de 2016

Fonte: Breno Henrique

[f.28]Procissão com andor do Divino Espírito Santo, festejos de 2014

Fonte: PASCOM

[f.29]Alvorada na casa de um dos fiéis, festejos de 2017

Fonte: LOLEK imagens





Elementos de Integração Social

NOTAS:

[22] EMCIDEC/DADM. Inventário do Patrimônio Histórico Cultural. Vol., nº 1982. s/p.

[23] ALMEIDA, Nelly Alves de. Op. Cit., p.21.

LEGENDAS:

[f.29] Mesa de leilões na barraca, festejos do Divino Espírito Santo em 2017

Fonte: próprio autor

[f.30] Família Nunes de Araújo no Cortejo da Festa do Divino do ano de 2000.

Fonte: próprio autor

[f.31] Verônicas da festa do Divino, festejos de 2018

Fonte: Marcos Vinicius

[f.32] Entrada da Rainha, festejos de 2017

Fonte: próprio autor

[f.33] Imperador do Divino Espírito Santo com a coroa e o a bandeja

Fonte: Marcos Vinicius

[f.34] Cavaleiros das Cavalhadas, festejos de 2018

Fonte: próprio autor

[f.35] Padre batizando os Cavaleiros Mouros, festejos de 2018

Fonte: próprio autor

[f.36] Banda Cecília nos festejos da barraca de São Sebastião

Fonte: próprio autor

Outro elemento de integração é o leilão, que acontece no decorrer das festas sempre após as novenas, na denominada barraca (onde a banda de música se apresenta diariamente). A comunidade reúne e fazem costumeiras disputas em prol das prendas leiloadas [f.29].

No dia do santo festejado, acontece as diversas "brincadeiras do festejo", os folguedos populares. No caso da festa do Divino, no domingo de Pentecostes em Jaraguá, antes da missa realiza-se o reinado. O imperador e a imperatriz, "nesse cortejo, o casal faz o percurso em quadro formado por fita vermelha, segura por 4 jovens vestidos de trajes de cor predominante vermelha [f.30]. Vária pessoas (as vezes em multidão, o acompanham: amigos familiares e a banda Santa Cecília"[22]. As nove horas acontece a missa de presença dos cavaleiros da cavalhadas e de uma multidão de pessoas. Ao final da missa, dá-se o ritual do sorteio do próximo imperador. Após a celebração, e costume a distribuição de "pão do divino", as famosas verônicas ou alfenins [f.31].

Ainda no domingo, após os atos religiosos, realiza-se os folguedos populares do festejo: a Contradança, a dança dos tapuios e a Congada. À tarde realiza-se um ritual denominado de entrada da rainha [f.32] assim descrito por Almeida "era um estupendo espetáculo! Os pares, muito enfeitados, vinham a cavalo [...] à frente vinha o séquito da rainha, a quem a banda de música acompanhava. Os convidadas, na igreja, subiam para o coro, onde se encontravam as cantoras." [23]

Mas o que marca os festejos em Jaraguá são as cavalhadas. De estrutura praticamente leiga, desde os tempos passados não dependia muito da hierarquia eclesástica. A simbologia cristã fica por conta da figura do Divino presente na bandeira, coroa e cetro do imperador [f.33]. As cava-

lhadas referem-se às lutas entre Cristãos e Mouros nos tempos de Carlos Magno.

Em Jaraguá, as cavalhadas fazem parte de sua tradição, há pelo menos cento e oitenta anos, "com as mesmas fantasias, o mesmo número de cavaleiros e ambos os lados; são também as mesmas músicas que o povo prefere cada vez mais tradicionais, são também iguais as carreiras e sobretudo e secularmente igual o resultado [f.34]." Os cristãos são vencedores enquanto os mouros, que representam os pagãos, são derrotados e conduzidos ao batismo cristão [f.35].

Outro elemento de integração é a banda Santa Cecília [f.36], alguns documentos em mãos de Jaraguenses como o senhor João Epaminondas e um comprovante de pagamento feito aos músicos datados de 04 de Setembro de 1869, evidenciam concretas de que sua origem é anterior à segunda metade do século XIX.

De acordo com Joaquim Militão apud Fonseca (1999) [24], excluindo as festas religiosas, a sanfona no Sarandi a viola no catira, o lazer e as diversões na cidade são relacionadas à banda de música. A banda Santa Cecília Participa ativamente das manifestações culturais jaraguenses. Com destaque para as festas religiosas quando são executados dobrados, valsas, maxixes, galopes, quadrilhas e outras que o povo gosta. Através de declarações feitas por diversas pessoas nota-se que a banda é parte integrante dos festejos religiosos de Jaraguá.

A banda de música Santa Cecília, no contexto da sociedade tradicional jaraguense serve também como um meio de promoção social, porque através da banda as pessoas terão condições de se elevar socialmente.



[f.29]



[f.30]



A Evolução

O município de Jaraguá, após seu desmembramento da cidade de Pirenópolis, Ganhou independência como cidade e cresceu gradativamente, localizando-se na Mesorregião do Centro Goiano e Microrregião, do Vale do São Patrício. Sua sede encontra-se inserida nas seguintes coordenadas geográficas: 15° 45' e 32" de latitude Sul e 49° 20' e 09" de longitude W. Gr. Com as proximidades de 74 km de Anápolis e 52 km de Goianésia.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) a população estimada era de 46.048 pessoas em 2014, com uma população de 41.870 pessoas em 2018. A área da unidade territorial 1.849,552 km² e densidade demográfica 22,64 hab/km².

As origens de Jaraguá estão mergulhadas em várias teorias – escravos falcadores ou o bandeirante português Manoel Rodrigues Thomaz, fundador e Guarda-mor das minas de Meia Ponte (atual Pirenópolis) podem ser considerados como descobridores, primeiros habitantes e/ou fundadores de Jaraguá?

Segundo Pedroso apud Santos (2017), a documentação histórica e os autores clássicos da historiografia goiana e cronistas europeus, demonstram que o descobrimento do ouro em Jaraguá se deve a negros falcadores, em 1736 e/ou 1737 (2008, p. 158).

Conforme citado anteriormente em 29 de julho de 1882, foi elevado à categoria de município e passou a ser chamado apenas de Jaraguá.

Fatores como, a Marcha para o Oeste, a busca por terras agricultáveis, a implantação da Colônia Agrícola Nacional (CANG) e a construção de Brasília, são os responsáveis pelo um impulso desenvolvimentista vivenciado pelo município, cuja produção econômica passou a se fundamentar na comercialização da produção, gerando um crescimento urbano significativo, a partir da década de 1940.

A construção da BR-153, em princípios de 1.960, acabou por dinamizar o crescimento econômico, urbano e demográfico de Jaraguá, transformando-o em núcleo comercial e regional.

A década de 80 registra a introdução maciça de máquinas na cidade de Jaraguá, marcando a implantação da indústria de confecção na cidade, gerando um vertiginoso crescimento social, espacial e econômico no município e região, o que lhe permitiu ser hoje denominada “Capital das Confecções”.

LEGENDA:

[M.1] Mapa da localização da cidade e da mesorregião de Jaraguá, com as equidistâncias das cidades de Anápolis, Goianésia e Itaguaru. Fonte: Próprio Autor

[M.2] Mapa da evolução urbana da cidade de Jaraguá. Fonte: Próprio Autor

[M.3] Mapa com relação do antigo centro Histórico e a cidade Nova. Fonte: Próprio Autor

[f.37] Casa do Padre Silvestre no ano de 1952. Fonte: (IPHAN) Edgard Jacintho da Silva.

[f.38] Rua do Rosário no ano de 1958. Fonte: (IBGE).

[f.39] Igreja de Nossa Senhora do Rosário meados de 1957. Fonte: (IPHAN) Edgard Jacintho da Silva.

[f.40] Igreja de Nossa Senhora da Penha meados de 1996. Fonte: (IBGE).

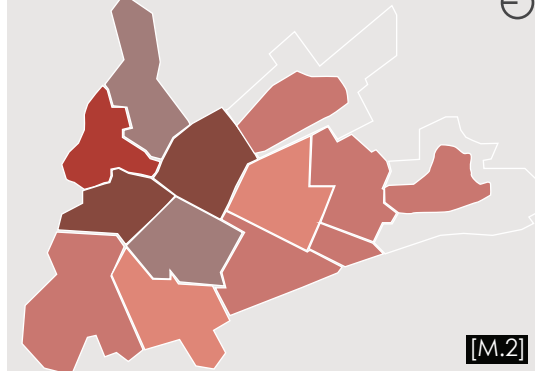
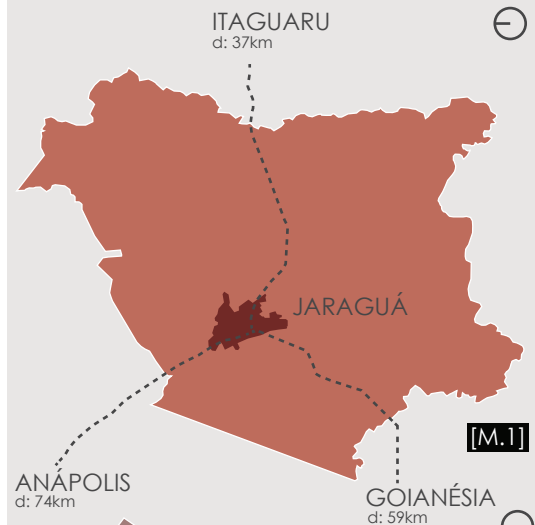
[f.41] Avenida cel. Tubertino Rios Fonte: (IBGE).

[f.42] Nova sede da Prefeitura em estilo modernista meados dos anos de 1968. Fonte: (IBGE).

[f.43] Vista Parcial do Centro Histórico de Jaraguá. Fonte: (IBGE).

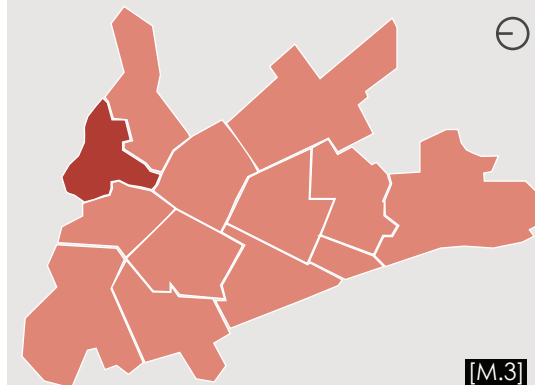
[f.44] Antigo edifício da escola Manoel de Freitas Machado. Fonte: (IBGE).

[f.44] Antigo edifício da escola Manoel de Freitas Machado. Fonte: (IBGE).



Modo de Evolução urbana*:

- período de 1736 a 1952
- período de 1952 a 1965
- período de 1970 a 1987
- período de 1990 a 2000
- período de 2000 a 2010
- Loteamentos recentes



- 'Cento Histórico' Arraial de Jaraguá
- 'Cidade Nova'



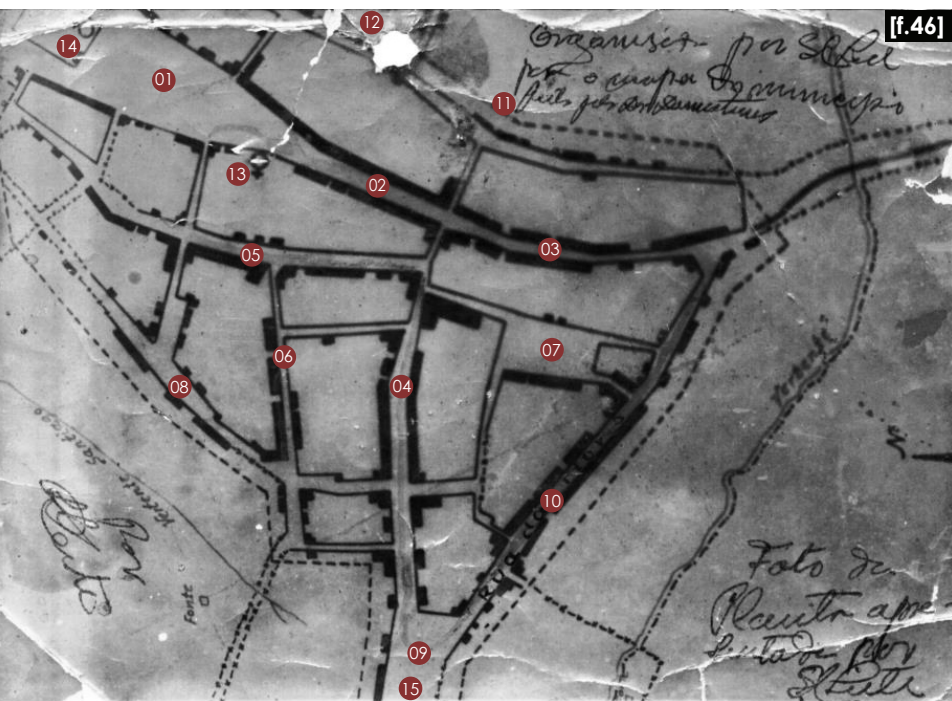
Centro Histórico



[f.45]

CENTRO HISTÓRICO - 2018
LEGENDA:

- Limite do Centro Histórico
- Intervenções de 1920



[f.46]



A área do centro histórico é facilmente reconhecida a partir dos limites estabelecidos pela Igreja Matriz e a Serra de Jaraguá [f.45]. O centro histórico de Jaraguá mantém muito dos atributos espaciais do início de sua ocupação. As transformações ocorreram na modernização das edificações; na alteração de usos; na expansão da área central, e no conseqüente distanciamento entre o centro histórico e o centro novo. Pode-se perceber no mapa as intervenções ocorridas no período dos anos de 1920. Contudo, a rede de espaços públicos conserva seu traçado parcialmente original: a estrutura viária e a conformação dos largos, em grande parte, inalteradas.

A área histórica até no ano de 1920, contava com o mesmo número de ruas e largos do século XIX. Ou seja, dez ruas e três largos [f.46]. O local de intervenção possuía um traçado de ruas e praças não retangulares, com ruas ligeiramente curvas variando de largura consideravelmente. **“Especialmente característica é a extensão da rua principal, em forma de funil, onde estão duas igrejas. O funil exerce a função de praça central da cidade.”**

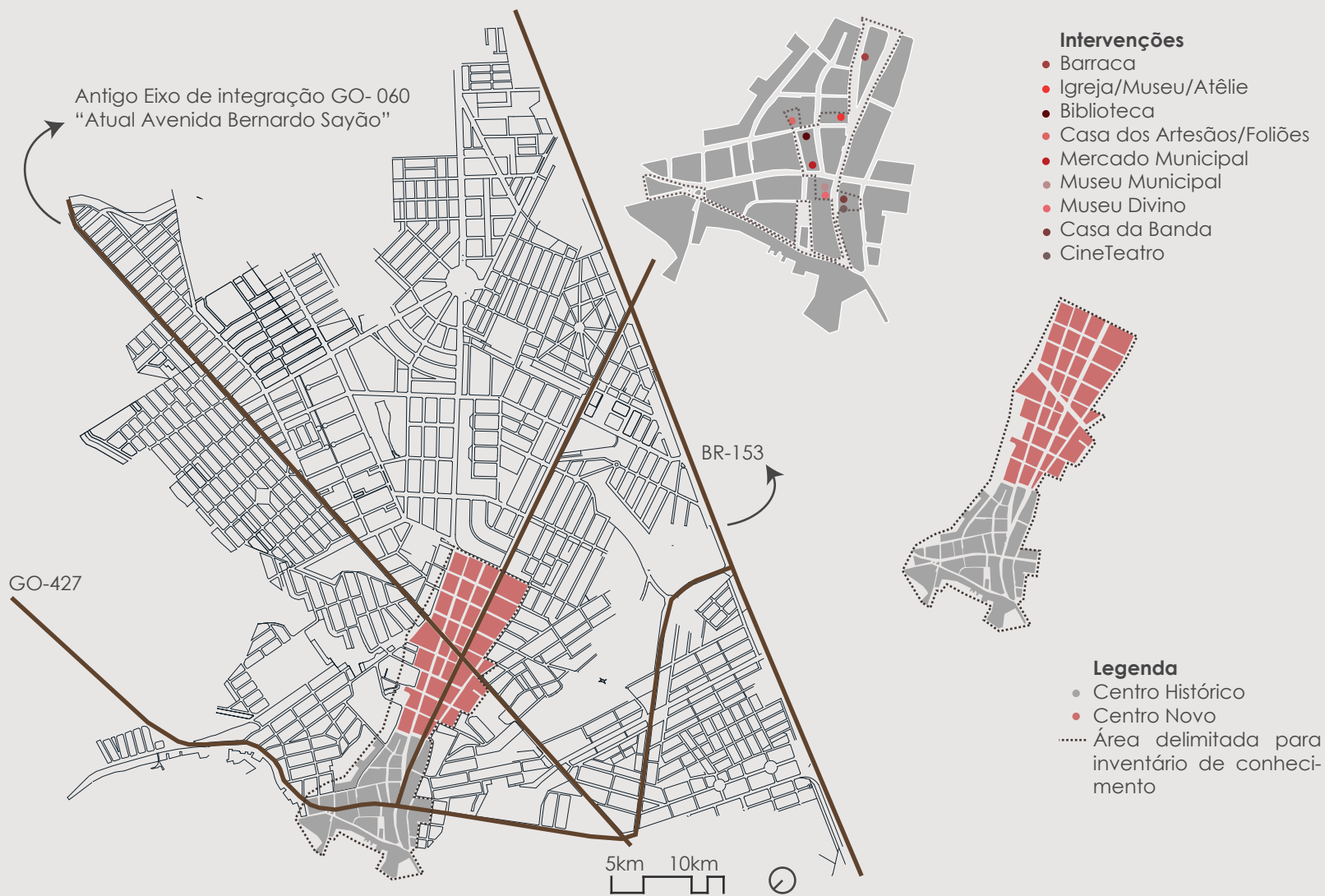
Os impactos desse processo de modificação do traçado do centro histórico começaram no governo do prefeito Elias da Fonseca, onde ele realizou vários trabalhos, obras que promoveram mudanças nas tipologias de algumas ruas da área. Como a rua direita que hoje recebe o nome do próprio, ele realizara um alinhamento onde foram cortadas algumas casas, elevando o nível da rua, colocando sarjetas e calçadas de passeio até a rua Vigário Álvares e desta até a praça Getúlio Vargas.

Outra intervenção feita pelo Prefeito Elias da Fonseca foi a desapropriação de uma casa ao lado da igreja de Nossa Senhora da Conceição, assim fazendo uma ligação direta com a rua do mercado municipal.

CENTRO HISTÓRICO - 1920

LEGENDA:

- 01- Largo da Matriz
- 02- Rua Vigário Álvares
- 03- Rua Direita
- 04- Rua do Rosário
- 05- Rua da Cadeia
- 06- Rua do Mercado
- 07- Largo de Santana
- 08- Rua do Norte
- 09- Largo da Matriz
- 10- Rua das Flores
- 11- Rua de Trás
- 12- Largo Rodrigues Suzano
- 13- Igreja de Nossa Senhora da Conceição
- 14- Igreja de Nossa Senhora da Penha
- 15- Igreja de Nossa Senhora do Rosário



[M.4]

Os estudos referentes ao centro histórico problematizam várias questões, a falta de interesse do poder público e muita das vezes dos próprios donos dos imóveis, que ao invés do zelo do seu patrimônio acabam deixando acabar em ruínas. A adoção dessa intervenção vem dessa problemática, pois o centro histórico ao passar dos anos vem perdendo mais ainda suas características representativas nos edifícios arquitetônicos.

Em um primeiro momento se foi realizado um levantamento preliminar da área histórica, para assim poder elencar potencialidades, diretrizes e propostas de intervenção. Nesse estudo percebeu-se que a área está bastante adensada e com uma problemática localizada na GO-427, pois tal rodovia faz caminho em uma das principais vias da localidade.

Durante os estudos realizados, identificou-se que era necessário um conhecimen-

to maior, pois ainda resistia na área histórica uma boa quantidade de edifícios com uma arquitetura que os caracterizavam com um tipo, assim houve a necessidade da realização um inventário de conhecimento de todo o acervo arquitetônico do limite do centro histórico original, e mais tarde abrangendo esse estudo para a área central, tal localidade onde passara na década de 1960 o eixo de integração "Belém-Brasília", atual Av. Bernardo Sayão.

A pesquisa ampliou-se para área central, por motivos relevantes e históricos. Pois com a rodovia Br-153, a modernidade e novas tipologias arquitetônicas chegara junto. Mas para isso foi delimitado um recorte espacial entre os anos de 1736 e 1960 para uma melhor compreensão de estudo. Por fim foi selecionado a dedo 8 edifícios que passariam pelo projeto de intervenção, e após um extenso estudo decidiu-se um novo uso para cada um.

LEGENDA:

[f.46] Imagem via satélite da implantação do centro histórico e seu entorno imediato, com intervenção demonstrando onde houve as alterações dos anos de 1920.

Fonte: Google Earth/ com intervenção do próprio autor.

[f.47] Desenho da implantação do centro histórico de Jaraguá nos anos de 1920, realizado por Joaquim Militão.

Fonte: Câmara Municipal de Jaraguá [M.4] Mapa esquemático demonstrativo do antigo Centro Histórico e o novo centro.

Fonte: Próprio autor

Condicionantes...

LEGENDA:

[M.5] Mapa de uso do solo do centro histórico de Jaraguá. Fonte: Próprio Autor

[M.6] Mapa de relevância dos edifícios que caracterizam um tipo. Fonte: Próprio Autor

[M.7] Sistema viário do centro histórico. Fonte: Próprio Autor

[f.47] Igreja da matriz recém reformada. Fonte: próprio autor

A área de intervenção onde está inserido os edifícios de intervenção, como citado anteriormente e a área histórica da cidade onde se configura seu núcleo primitivo.

Os usos são diversificados, existindo pequenas centralidades de comércio como bancos e lojas, mas o uso residencial e o predominante do local.

Uso do Solo:

- | | |
|--|---|
| ● Residencial | ● Lotes Vagos |
| ● Comércio | ● Igreja |
| ● Serviço | ● Cemitério |
| ● Misto | ● Edifícios á Demolir |
| ● Institucional | ● Lotes de Intervenção |

Após o levantamento de inventário feito na região do centro histórico pode se perceber que ainda restam muitas edificações com caráter e tipologia de construção histórica.

A questão do tombamento desses edifícios e um pouco difícil pois, muitos deles estão descaracterizados de alguma forma.

Legenda:

- | |
|--|
| ● Históricos |
| ● Históricos Descaracterizados |
| ● Tombados a nível Estadual |
| ● Edifícios Novos |

O eixo viário do centro histórico e caracterizado por duas vias principais que se encontram, sendo elas a rodovia GO-427 "Rua do Rosário" e a Avenida Vigário Álvares.

A GO-427 e uma grande problemática, por ser um meio de transição de caminhões de carga, isso de alguma forma interfere nas construções históricas causando rachaduras e recalque.

Pode se afirma que a várias categorias de vias na localidade, como via arterial de 1º categoria, vias coletoras e vias locais.

Legenda:

- | |
|--|
| ■ Rodovia |
| ■ Arterial |
| ■ Coletora |
| ■ Local |



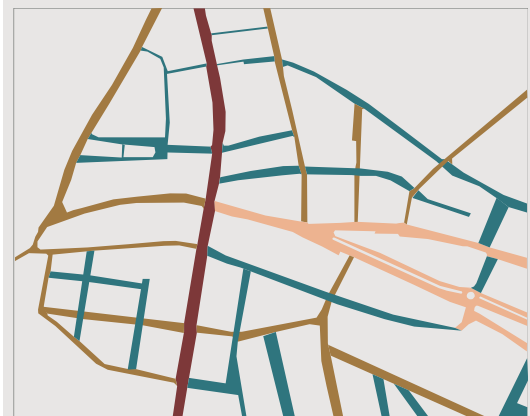
[M.5]

2km 8km



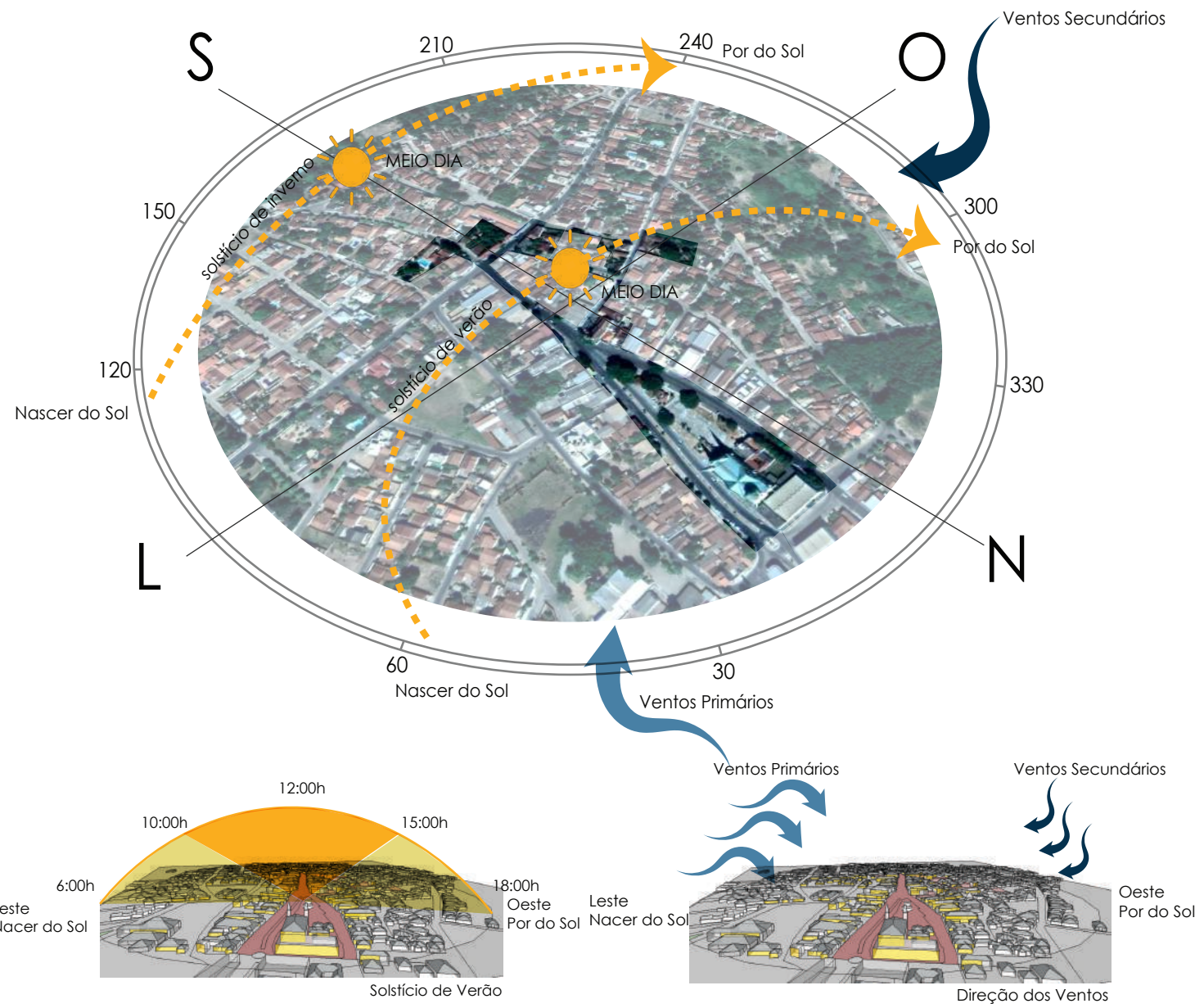
[M.6]

2km 8km



[M.7]

2km 8km



O centro Histórico da cidade de Jaraguá, configura uma região de superfície plana e ondulada, onde o nível mais alto está a 490 metros e a mínima, 470 metros.

Os pontos de intervenção diferenciam por tipos de caimento, a Igreja está no plano mais alto no nível 490, já a biblioteca está entre os níveis, 490 e 485.

Segundo a classificação climática de Köppen-Geiger, o clima do município é do tipo Tropical Úmido,- AW, tipicamente quente, com o período de chuvas bem definido no Verão (setembro a abril), e o Inverno seco (maio a setembro).

■ Edifícios de intervenção

Cota fictícia, apenas para representar o sentido de caimento das curvas de nível.



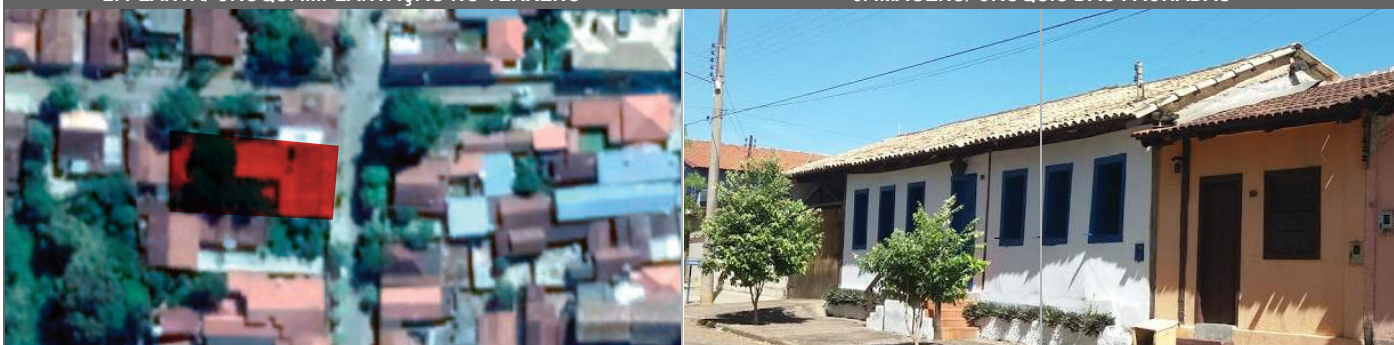
Tradição e Memória

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Recorte Territorial	1.4. Contato com proprietário
Centro Histórico	Dulce Pedroso
1.2. Recorte Temático (Identificação do tema do estudo)	
Arquitetura 1737-1960	
1.3. Identificação do Bem (Endereço)	
Rua Ernesto da Mata	

2. PLANTA/ CROQUI IMPLANTAÇÃO NO TERRENO

3. IMAGENS/ CROQUIS DAS FACHADAS



5.ÉPOCA/ DATA DA CONSTRUÇÃO

1875

6.TOPOGRAFIA DO TERRENO

Plano

7. PAVIMENTOS

Acima da rua (nº)

8.USO ORIGINAL

Residencial

Em aclive

Em declive

Inclinado

Acidentado

Abaixo da rua (nº)

Sótão

Porão

Outros

sim

sim

não

não

Residencial

11. OBSERVAÇÕES

De início a construção eram três casarios geminados, mas no ano de 1996 Dona Dulce Pedroso realizara uma reforma onde modificou sua fachada e integrou os três módulos em um só

13. BREVE DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

Casa térrea, localizada no Centro Histórico de Jaraguá, com fachada frontal no limite da calçada.

13.1.Paredes externas (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

Paredes externas em Adobe rebocado e pintada com argamassa de cal.

13.2.Cobertura (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

Cobertura em telha capa e bica, tipo colonial com estrutura e roliças de madeira.

13.3.Aberturas e elementos integrados (Técnicas construtivas, Estruturas, Materiais e Acabamentos)

Esquadrias em madeira jacarandá, portão em madeira de ipê

14. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (etnológicas, arqueológicas e outras)

15. LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO EXISTENTE (copiar quantas linhas forem necessárias)

15.1. Planta (relacionar nomes)	15.2. Escala	15.3. Localização e base disponível	15.4. Data

16. OUTROS LEVANTAMENTOS/ BASES DE DADOS (copiar quantas linhas forem necessárias)

16.1. Tipo	16.2. Quant.	16.3. Autoria, localização e base disponível	16.4. Data
Fotografias	1	Lucas de Araújo	11/04/2018
Desenhos	1	Lucas de Araújo	

17. FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

18. PREENCHIMENTO

18.1. Entidade	UniEvangélica-Centro Universitário de Anápolis	18.2. Data
18.3. Responsável	Lucas N. B de Araújo	11/04/2018

LEGENDA:

[f.48] Ficha de inventário
Fonte: próprio autor

[f.49] Imagem disponibilizada pelo satélite do Google Earth, com intervenção demonstrando o limite de recorte espacial da realização do inventário.
Fonte: Google Earth com intervenção do próprio autor

[f.50] Igreja de Nossa Senhora da Conceição, 2018

Fonte: próprio auto
[f.51]Prédio onde funcionava a antiga rádio e a câmara de Jaraguá

Fonte: próprio autor

Metodologia do Inventário

Devido ao grande número de imóveis e móveis integrados a serem analisados optou-se pelo método de inventário. Para inventariar esses bens foram utilizadas as fichas desenvolvidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – para o Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão – SICG. De acordo com Daltoé (2017), este processo de catalogação é um instrumento que possibilita o cadastro unificado dos bens culturais para que seja construída uma base de dados sobre patrimônio. Estes bens são classificados conforme sua categoria, recortes temáticos e territoriais pesquisados em cada estudo. O sistema está focado nos bens de natureza material, reunindo em uma base única informações sobre cidades históricas, bens móveis e integrados, edificações, paisagem, arqueologia e outras ocorrências do patrimônio cultural do Brasil. (IPHAN, SICG, 2010).

O sistema é composto por três módulos de fichas e tabelas, totalizando quinze fichas e três tabelas. Sendo estas distribuídas da seguinte maneira: três fichas no primeiro módulo chamado Conhecimento, cinco fichas e duas tabelas no segundo módulo – Gestão, e cinco fichas e uma tabela no terceiro e último módulo – Cadastro. As

fichas mais adequadas para o tema da pesquisa e, portanto, aplicadas neste trabalho são as três primeiras fichas do módulo 03 (M301, M302, M303). Com intuito de preservar o catálogo foi desenvolvido-se inicialmente uma única ficha preliminar, caso se de procedência nas pesquisas, será realizado o preenchimento de todas as fichas disponibilizadas pelo SICG.

Todas as fichas do SICG iniciam com os mesmos campos de preenchimento, são as lacunas destinadas ao cabeçalho de identificação do bem correspondente. Assim como o cabeçalho padrão, todas as fichas são finalizadas com um campo específico destinado à identificação do responsável pelo preenchimento dos módulos e pela veracidade das informações, neste caso o próprio autor.

A ficha elaborada [f.48] não foge muito da disponibilizada pelo IPHAN, e um resumo mais prático pelo pouco tempo de pesquisa.

Abaixo pode se notar o limite do recorte espacial delimitando a área de levantamento.[f.49]



Preexistências



IGREJA DE NSA. SRA. DA CONCEIÇÃO

Construída em 1828, por iniciativa particular do tenente/coronel Antônio de Souza Félix. O edifício tombado pelo estado no ano de 1998 pelo (dec. nº 4.943 de 31/08/1998), apresenta as características coloniais possui telhado de duas águas escalonado com estrutura de madeira, telhas do tipo capa e bica, guarda-pó de tábuas de madeira e cachorros recortados. Construído em alvenaria de adobe na sacristia e alvenaria de pedra no corpo principal do edifício (nave central), possui campanário em madeira externo ao edifício (torre sineira) com um sino.

A área da galeria que foi construída em virtude da demolição da Igreja Nossa



ANTIGO PRÉDIO DA CÂMARA

O antigo prédio da Câmara foi construído no ano de 1944 com a metodologia construtiva com tijolão colonial, janelas basculantes de ferro e vidro, portas em madeira, telha francesa, o piso do pavimento térreo de ladrilhos hidráulicos ornamentados e do pavimento superior em madeira. A construção em estilo Arte Déco, se deu pelo ilustre "Xiquinho de Castro" onde o erigiu com intenção inicial de uso destinado a um clube de encontro para jovens, mas ao decorrer dos anos esse uso foi sendo alterado, onde já funcionou a rádio cidade, a câmara municipal e também algumas lojas, o último uso relatado pela população foi no ano de 2002 onde funcionou uma oficina

de bicicletas, e desde esse período continuava fechado. Senhora da Penha foi vendida e hoje no local encontramos um comércio. Hoje apresenta duas funções: a de realizar adoração no período da quaresma e a de museu. Restaurada no fim do século passado (o término dos trabalhos de restauro se deu no ano de 2000), apresenta no que antes era o depósito, e na sacristia (lateral) o Museu sacro. Por advento do museu foi construído ao fundo dos túmulos um banheiro público, que segue os mesmos padrões construtivos da igreja. Como ela foi restaurada no final do século XX, e já se passaram 20 anos, ela necessita de outro restauro para reparos imediatos contra cupins e infiltrações.

Devido a essa problemática, a intensão de projeto será uma reforma completa da igreja, o restauro dos elementos artísticos e a recuperação da antiga sacristia lateral em um método totalmente contemporâneo, assim diferenciando o antigo do novo. Para os anexos, que foram divididos em três volumes, houve a necessidade de desapropriação do terreno lateral e do terreno de fundo.

de bicicletas, e desde esse período continuava fechado.

Em abril de 2018 quando as pesquisas estavam sendo realizadas notou-se que a edificação estava em estado precário de conservação, com várias infiltrações e coma possibilidade de um desabamento. No dia 17 de abril de 2018 às 04:00hrs da manhã o prédio acabou desmoronando onde o telhado caiu pra dentro e acabou empurrando as paredes do 1º pavimento para fora, causando assim o seu arruamento.

A ideia principal no projeto de intervenção se dá pelo processo de restauro criativo, onde a intenção e a reconstrução do volume original, mas mantendo uma diferença entre o novo e o velho. O uso proposto será a nova sede da Biblioteca Drº Augusto Rios, onde a atual está disposta em um edifício simplório na praça da matriz, a situação atual dessa construção acomoda um programa totalmente ineficaz para a população. A ideia de um novo projeto para a biblioteca, se vê pela precariedade que a atual está assim propondo um programa completo. O lote em questão será o do edifício de preexistência e será necessário a realização de desapropriação de 3 casas para acomodar o projeto.





CASA FAMÍLIA EPAMINONDAS

Construída no final do século XIX, não se sabe ao certo a data exata de sua construção, mas por relatos de herdeiros constatou que foi entre o final do século XIX e início do século XX. A casa geminada, apresenta as características tradicionais, possui telhado de seis águas escalonado com estrutura de madeira, telhas do tipo capa e bica, guarda-pó de tábuas de madeira e cachorros recortados. Construído em alvenaria de adobe e esquadrias de madeira, ao decorrer dos anos foi sofrendo alterações e acréscimos o que totalizou na sua descaracterização parcial.

A intenção de projeto viabiliza uma reforma completa em sua estrutura de



AÇOUGUE/BAR

Edifício construído no ano de 1922, apresenta uma tipologia de concepção do período em que o ecletismo estava em alta, sua materialidade e denominada por alvenaria de tijolão tipo colonial, esquadria de madeira e telhas de fibrocimento. As telhas não são as originais de sua construção, pois no ano de 2008 houve se a necessidade de troca do emadeiramento assim retirando as telhas tipo francesa.

Hoje prevalece com o mesmo uso do que foi concebido, pois foi construído para abrigar uma mercearia. A intenção de projeto viabiliza o a reforma do prédio, o resgate do piso original, a recuperação da estrutura do telhado com telhas isotérmicas

madeira tipo gaiola, a demolição de algumas paredes, assim ampliando os espaços e os adequando ao programa. Será necessário também realizar a retirada de todo o assoalho de madeira do chão, pois ao analisar o piso, em algum determinado momento os moradores aterraram o porão e fizeram a recolocação das tabuas.

O programa que o projeto irá sediar será a casa dos artesãos e a casa dos foliões, prevalecendo a intenção original da casa como geminada assim cada programa ficará disposto de um lado. A intenção de realizar essa proposta foi ocasionado devido da problemática de falta de lugar tanto para os artesãos da cidade, quanto para os foliões que não tivera um lugar fixo para se reunir durante o ano.

E importante lembra que o resgate de alguns elementos com as aberturas em forma totalmente contemporânea se dá pela teoria da diferenciação como afirma o Teórico do restauro "Camilo Boito."



tipo sanduiche e o descasamento de seu interior.

O programa estabelecido para esta intervenção será a de mercado municipal, pois estará resgatando a memória local e reabilitando o prédio, a intenção da volumetria do anexo tem as mesmas características das implantações dos mercados construídos no século XIX e XX. Com um pátio central e lojas dispostas ao seu redor.

Será necessário a demolição de um comércio e uma casa em seu entorno, assim criando uma circulação e acessos favoráveis ao edifício.



MUSEU MUNICIPAL

Casa construída no final do período colonial, assim como demonstra a data de 1822 desenhada em seu forro no hall de entrada, apresenta as características coloniais possui telhado de seis águas escalonado com estrutura de madeira, telhas do tipo capa e bica, guarda-pó de tábuas de madeira e cachorros recortados. Erigida em alvenaria e pau a pique. ela possui dois forros pintados a mão e esquadrias de madeira, algumas janelas com guilhotina.

O atual uso da casa Museu municipal, mas a situação do que se ode encontrar em seu interior não há declara como um museu. A intenção de projeto viabiliza a reforma completa da casa, o restauro das



esquadrias principalmente das janelas de guilhotina, restauro dos elementos artísticos e a construção e demolição de algumas paredes assim melhorando o fluxo interno.



CASA XIQUINHO DE CASTRO

Casa construída no ano de 1915, apresenta as características art déco em sua fachada e possui telhado de três águas escalonado com estrutura de madeira, telhas do tipo capa e bica, guarda-pó de tábuas de madeira e cachorros recortados. Erigida em alvenaria de adobe. ela possui a conservação em um ótimo estado de conservação. A proposta para o local e uma inserção de um anexo e um novo layout em seu interior, assim demolindo algumas paredes e construindo outras. A casa abrigara a sede das bandas, será um espaço compartilhado entra a orquestra sinfônica, a banda Cecilia.



CASA DA LÔZA FONSECA

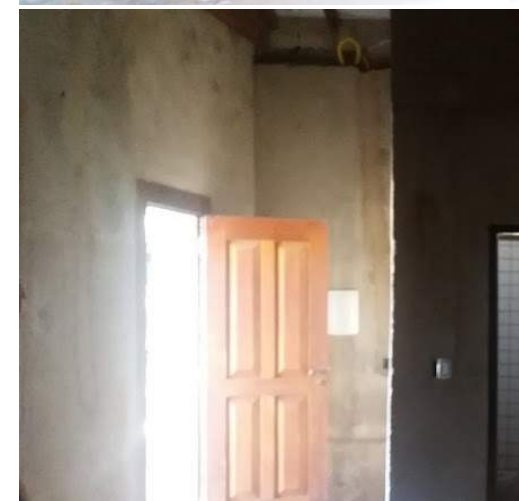
A preexistência em questão se trata de uma casa tradicional do ano de 1827, a construção se deu pela iniciativa da família Amorim, seu uso foi residencial e comercial. E está fechada desde a morte da ultima dona em 2012.

A proposta para essa casa e inserção de um museu municipal, pois a necessidade de um lugar de memória para a cidade, a edificação passara pela reforma completa, trocas de assoalho e da estrutura do telhado, construção de banheiros, e um arquivo digital, e bom salientar que a casa fora modificada poucas vezes, com acréscimo de um banheiro interno, a intenção e de deixa-la com está para assim, permanecer com uma memória viva das construções do período tradicional.



CINE IRÍS

O edifício existente era o antigo cinema Iris da cidade, ele foi construído em 1945 e foi desativado em 1977. Ele não tinha assentos, então a própria população levava suas cadeiras, depois de 1997 ele permaneceu fechado até hoje. Houve uma Revitalização em sua fachada, mas nada que comprometera sua originalidade. A proposta tem por finalidade, restaurar o cinema e faz-lo de uma casa de espetáculos. O anexo será uma extensão onde se integre ao edifício existente. Assim criando um programa de auditório, palco e camarins.



Programa e Dimensionamento

IGREJA (preexistência)

GALILÊ	26,19 m ²
NAVE	69 m ²
PRESBITÉRIO	29,36 m ²
ALTAR	21,28 m ²
RETÁBULO	22,92 m ²
SACRISTIA	61,64 m ²
CAPELA	51,66 m ²
TÚMULOS	15,40 m ²

ANEXOS (Projetos Novos)

MUSEU SACRO

HALL DE ENTRADA 01	40 m ²
HALL DE ENTRADA 02	50 m ²
EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA	125 m ²
EXPOSIÇÃO PERMANENTE	170 m ²
RECEPÇÃO	15 m ²
RESERVA TÉCNICA	20 m ²
ADM	10 m ²
BANHEIRO MASC.	10 m ²
BANHEIRO FEM.	10 m ²
P.N.E	5 m ²
COPA	5 m ²
DML	5 m ²

ATELIÊ DE RESTAURO

HALL DE ENTRADA	20 m ²
SALA DE PINTURA	22 m ²
SALA DE ESCULTURA	22 m ²
SALA DE CONSERVAÇÃO	15 m ²
RESERVA TÉCNICA	15 m ²
ADM	12 m ²
COPA	15 m ²
BANHEIRO MASC.	5 m ²
BANHEIRO FEM.	5 m ²
DML	4 m ²

BIBLIOTECA (preexistência)

PAV. TÉRREO (exposição)	60 m ²
1º PAV. (sala de estudos coletivo)	60 m ²

ANEXO (Projeto Novo)

SUBSOLO

RAMPA DE ACESSO	47 m ²
HALL + FOYER	100 m ²
ADM	25 m ²
AUDITÓRIO 235 lugares	240 m ²

1º PAV.

ACERVO	210 m ²
ACERVO INFANTIL	55 m ²
HEMEROTECA	40 m ²
SALA (estudos ind. 01)	5 m ²
SALA (estudos ind. 02)	4 m ²
SALA (estudos col. 01)	15 m ²
SALA (estudos col. 02)	10 m ²
CIRCULAÇÃO	100 m ²
SANITÁRIOS	35 m ²

PAV. TÉRREO

HALL+CIRCULAÇÃO	250 m ²
SANITÁRIOS	35 m ²
ADM	50 m ²
SALA MULTÍMIDIA	35 m ²
SALA INFORMÁTICA	35 m ²
XEROCADORA	20 m ²
LIVRARIA	20 m ²
CIRCULAÇÃO	20 m ²

MUSEU MUNICIPAL (preexistência)

DIREÇÃO	50 m ²
EXPOSIÇÃO + BIBLIOTECA	80 m ²
SERVIÇOS	30 m ²
ADM	20 m ²

MUSEU DO DIVINO (preexistência)

EXPOSIÇÃO	90 m ²
SERVIÇOS	40 m ²
SANITÁRIOS+ COPA	50 m ²

MERCADO MUNICIPAL (preexistência)

LANCHONETES	115 m ²
-------------	--------------------

MERCADO MUNICIPAL (Projeto Novo)

ÁREA DE ALIMENTOS	18 m ²
ÁREA DE DIVERSOS	15 m ²
ÁREA DE VESTUÁRIOS	15 m ²
ADM	30 m ²
SANITÁRIOS	35 m ²

CASA DA BANDA (preexistência)

EXPOSIÇÃO	70 m ²
ADM	70 m ²
HALL/ CIRCULAÇÃO	50 m ²
SANITÁRIOS	15 m ²
CIRCULAÇÃO	30 m ²

ANEXO (Projeto Novo)

SALA DE ESTUDOS 01	15 m ²
SALA DE ESTUDOS 02	3 m ²
ESTÚDIO DE GRAVAÇÃO	40 m ²
CIRCULAÇÃO	25 m ²
BIBLIOTECA	7 m ²

CINETEATRO (preexistência)

HALL + CIRCULAÇÃO	80 m ²
LANCHONETE	15 m ²
SANITÁRIOS	20 m ²
SERVIÇOS	25 m ²

ANEXO (Extensão)

AUDITÓRIO	200 m ²
PALCO + FUNDO DE PALCO	100 m ²
BANHEIROS + CAMARINS	80 m ²

CASA DOS ARTESÃOS (preexistência)

HALL + CIRCULAÇÃO	100 m ²
ADM	20 m ²
LOJA	30 m ²
SERVIÇOS	12 m ²
SANITÁRIOS	12 m ²
SALA DE COSTURA	15 m ²

ANEXO (Projeto Novo)

ATELIÊ TIPO 01	20 m ²
ATELIÊ TIPO 02	30 m ²
ATELIÊ CERÂMICA	60 m ²
LANCHONETE	30 m ²
PÁTIO INTERNO	210 m ²

CASA DOS FOLIÕES (preexistência)

HALL + CIRCULAÇÃO	60 m ²
SERVIÇOS	20 m ²
SALA DE FUNCIONÁRIO	30 m ²
SALA DE INSTRUMENTOS	30 m ²
SANITÁRIOS	15 m ²
COZINHA	22 m ²
BEBEDOURO	10 m ²
PÁTIO INTERNO	210 m ²

CIRCUITO URBANO

MOBILIÁRIO URBANO
ILUMINAÇÃO
PAGINAÇÃO DE PISO
PAISAGISMO + VEGETAÇÃO
INFRAESTRUTURA URBANA

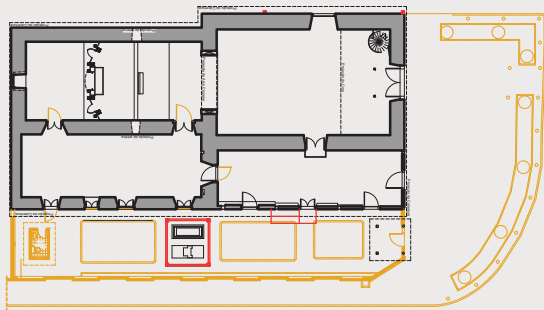
O tijolo como elemento de integração entre as intervenções

Poderá considerar-se como uma "pedra artificial" que se obtém através da argila ou barro, que amassado com água, moldado e cozido, adquire forma, dureza e resistência. Constitui um material de uso primordial na construção (para levantar paredes, muros e tabiques de alvenaria), que desde os tempos mais remotos até à atualidade têm evoluído, originando por vezes algumas alterações nos materiais e técnicas tradicionais, no sentido de melhorar o rendimento e de reduzir ao mínimo as perdas de material e mão de obra.



IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

PREEXISTÊNCIA
PROJETO DE INTERVENÇÃO



DEMOLIR CONSERVAR CONSTRUIR

IGREJA

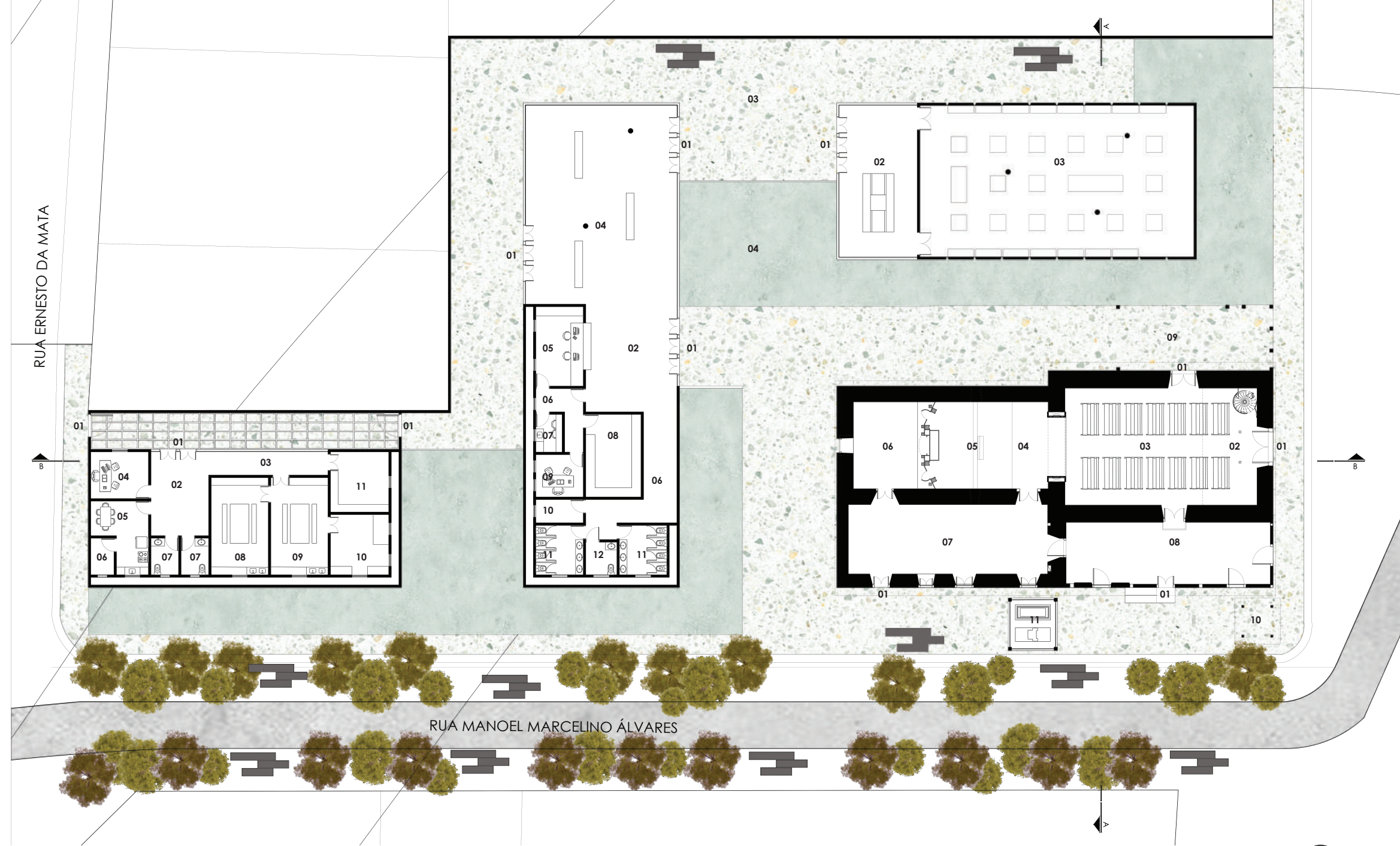
- 01 ACESSO
- 02 GALILÉ
- 03 NAVE
- 04 PRESBITÉRIO
- 05 ALTAR
- 06 RETÁBULO
- 07 SACRÍSTIA
- 08 CAPELA
- 09 ESTRUTURA DA CAPELA RECUPERADA
- 10 CAMPANÁRIO
- 11 TÚMULOS

MUSEU SACRO

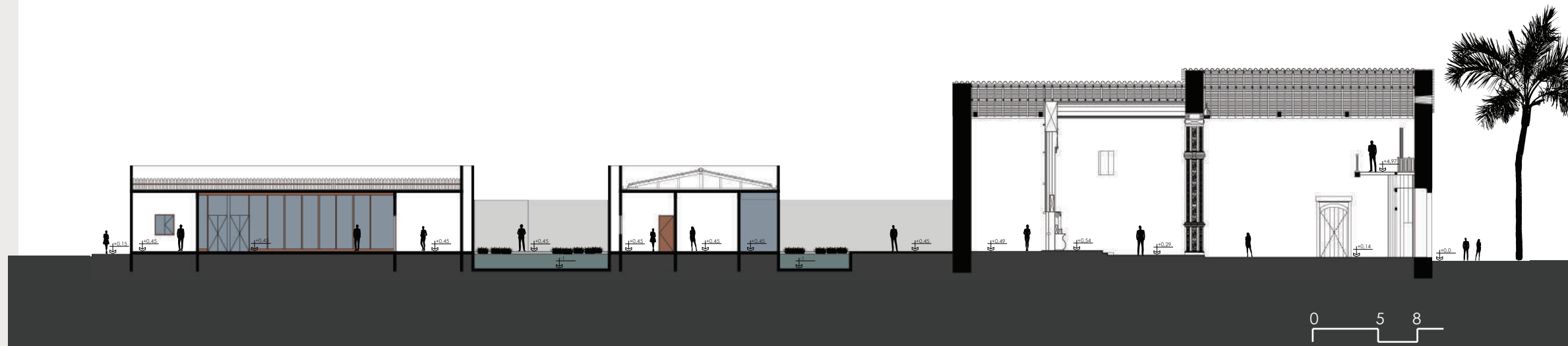
- 01 ACESSO
- 02 HALL DE ENTRADA
- 03 EXPOSIÇÃO PERMANENTE
- 04 SALÃO
- 05 RECEPÇÃO
- 03 SALÃO
- 05 RECEPÇÃO
- 06 CIRCULAÇÃO
- 07 COPA
- 08 RESERVA TÉCNICA
- 09 DIREÇÃO
- 10 D.M.L
- 11 BANHEIROS
- 12 P.N.E

ATELIÊ

- 01 ACESSO
- 02 HALL
- 03 CIRCULAÇÃO
- 04 DIREÇÃO
- 05 COPA
- 06 D.M.L
- 07 BANHEIROS
- 08 ATELIÊ PINTURA
- 09 ATELIÊ ESCULTURA
- 10 ATELIÊ CONSERVAÇÃO
- 11 RESERVA TÉCNICA

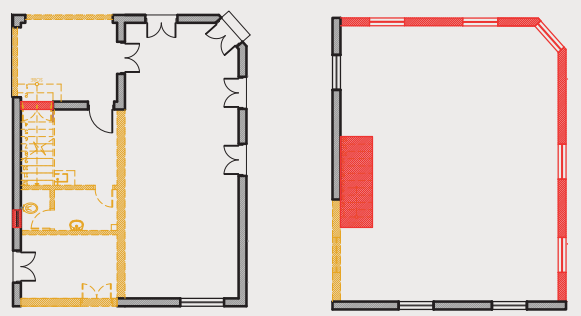


IGREJA/ MUSEU/ ATELIÊ



ANTIGA CÂMARA MUNICIPAL

PREEXISTÊNCIA
PROJETO DE INTERVENÇÃO



DEMOLIR CONSERVAR CONSTRUIR

SUBSOLO

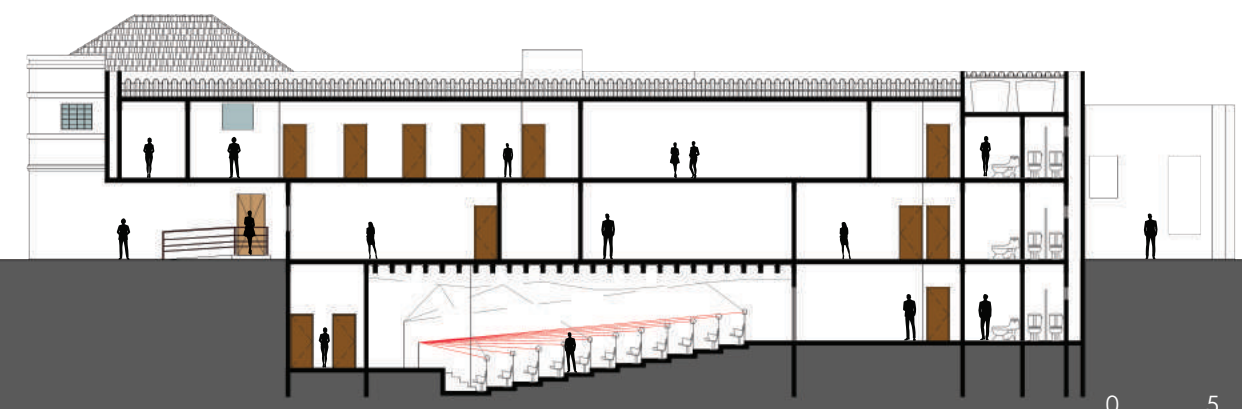
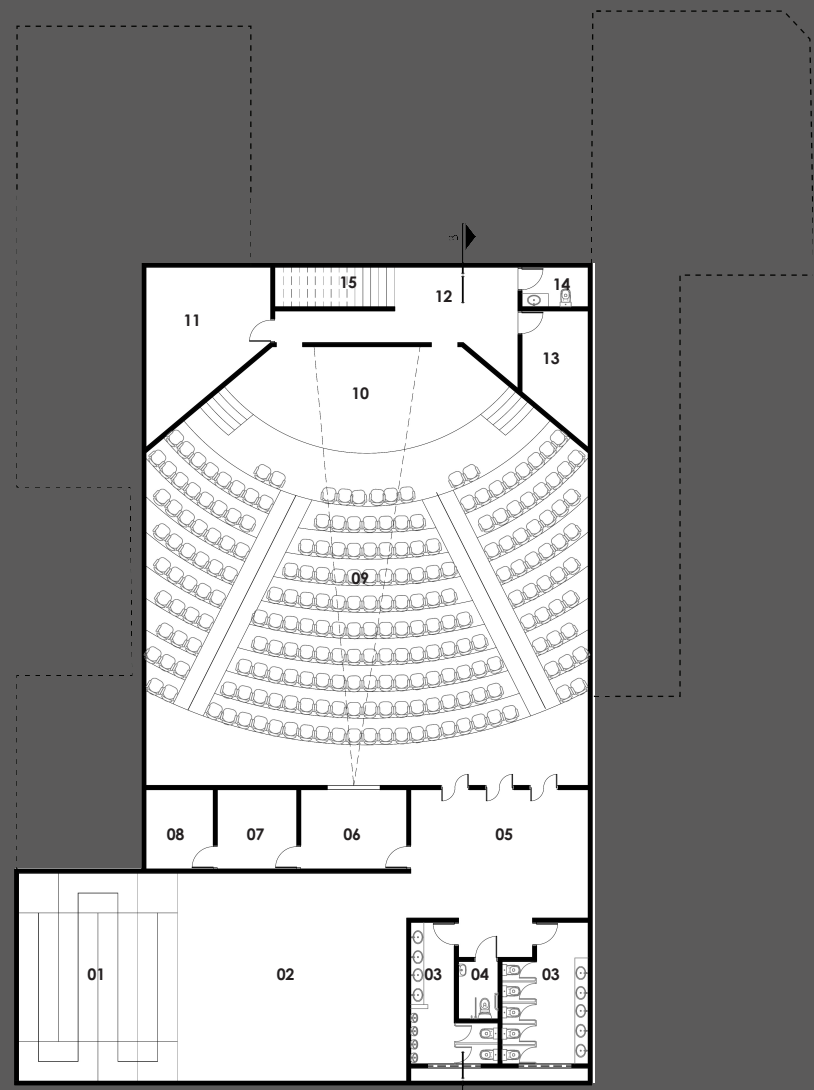
- 01 ACESSO AUDITÓRIO
- 02 FOYER
- 03 BANHEIROS
- 04 P.N.E
- 05 HALL DE ENTRADA
- 06 SALA DE PROJEÇÃO
- 07 SALA DE SOM
- 08 DEPÓSITO
- 09 AUDITÓRIO
- 10 PALCO
- 11 DEPÓSITO
- 12 CIRCULAÇÃO
- 13 CAMARIM
- 14 LAVABO
- 15 ESCADAS

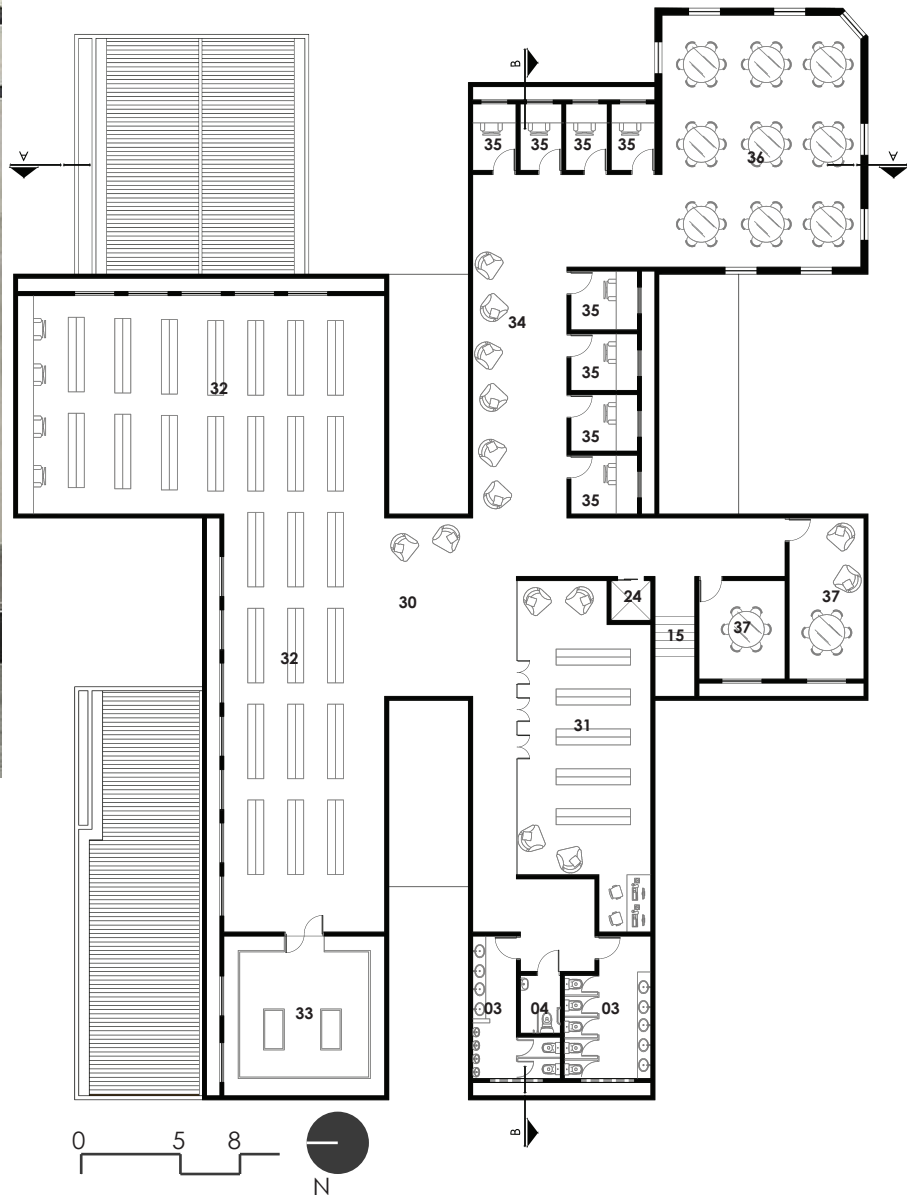
PAVIMENTO TÉRREO

- 16 ACESSOS
- 17 RECEPÇÃO
- 18 PROCESSAMENTO TÉCNICO
- 19 SERVIÇOS E MANUTENÇÃO
- 20 SALA DE MULTIMÍDIA
- 21 SALA DE INFOMÁTICA
- 22 LIVRARIA
- 23 COPA
- 24 ELEVADOR
- 25 SALA DE FUNCIONÁRIOS
- 26 BEBEDORES
- 27 DML
- 28 XEROCADORA
- 29 ÁREA DE CONVIVÊNCIA

1º PAVIMENTO

- 30 CIRCULAÇÃO
- 31 ACERVO INFANTIL
- 32 ACERVO
- 33 HEMEROTECA
- 34 ÁREA DE ESTUDOS
- 35 CABINES INDIVIDUAIS
- 36 SALA DE ESTUDOS
- 37 SALA COMPARTILHADA







CASA FAMÍLIA EPAMINONDAS

PREEXISTÊNCIA
PROJETO DE INTERVENÇÃO

CASA ARTESÃOS/ FOLIÕES



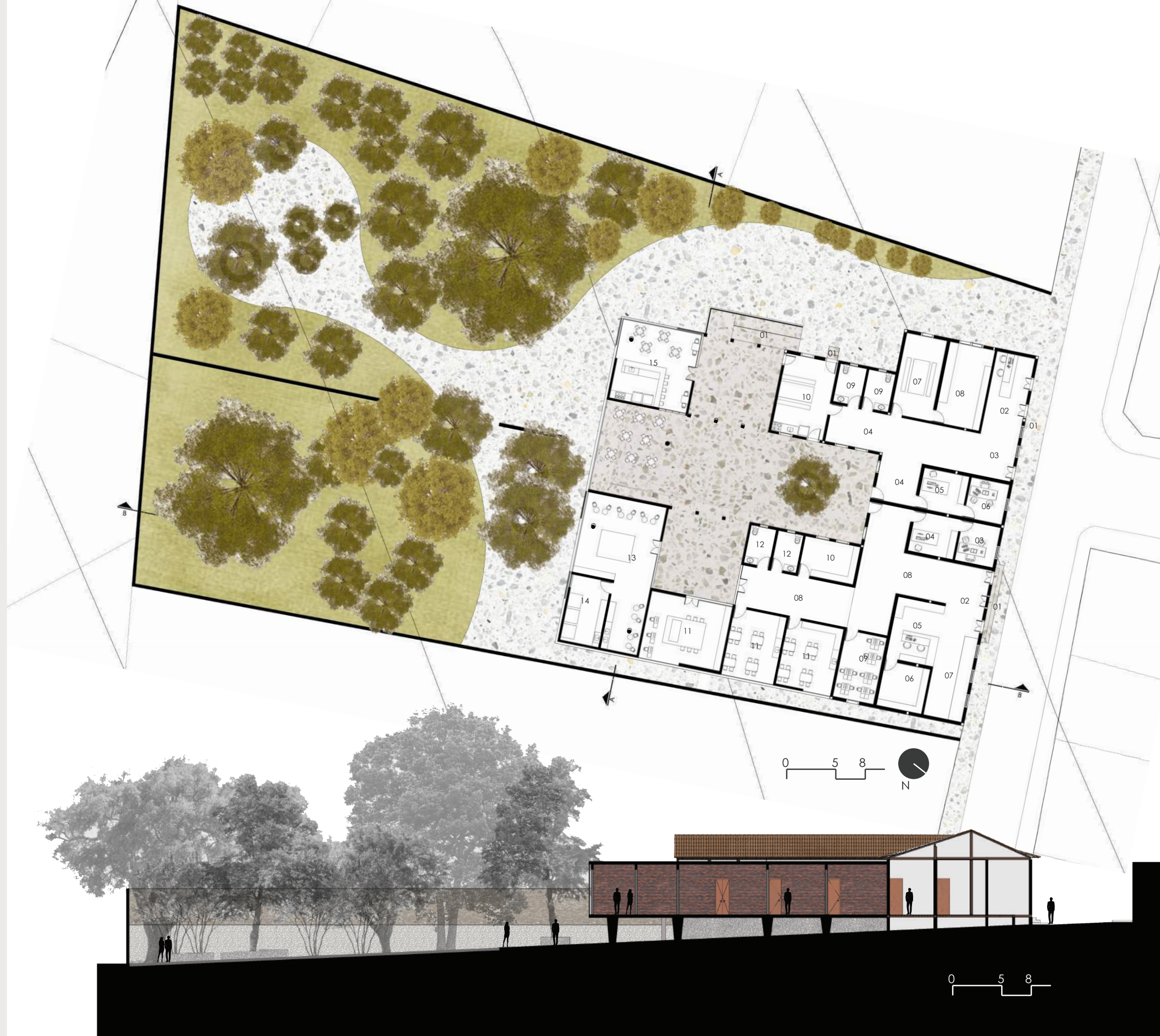
DEMOLIR CONSERVAR CONSTRUIR

CASA DOS FOLIÕES

- 01 ACESSO
- 02 RECEPÇÃO
- 03 HALL DE ENTRADA
- 04 CIRCULAÇÃO
- 05 ADM
- 06 DIREÇÃO
- 07 SALA DE REUNIÕES
- 08 SALA DE INSTRUMENTOS
- 09 BANHEIROS
- 10 COZINHA

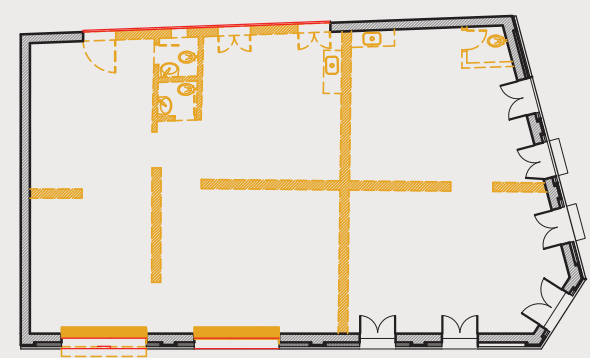
CASA DOS ARTESÃOS

- 01 ACESSO
- 02 HALL
- 03 DIREÇÃO
- 04 ADM
- 05 LOJA
- 06 DEPÓSITO
- 07 ARÉA DE CONVIVÊNCIA
- 08 CIRCULAÇÃO
- 09 SALA COSTURA
- 10 D.M.L
- 11 ATELIÉ
- 12 BANHEIROS
- 12 ATELIÉ
- 13 SALA DE CERÂMICA
- 14 SALA DO FORNO
- 15 LANCHONETE



AÇOUGUE/BAR

PREEXISTÊNCIA
PROJETO DE INTERVENÇÃO

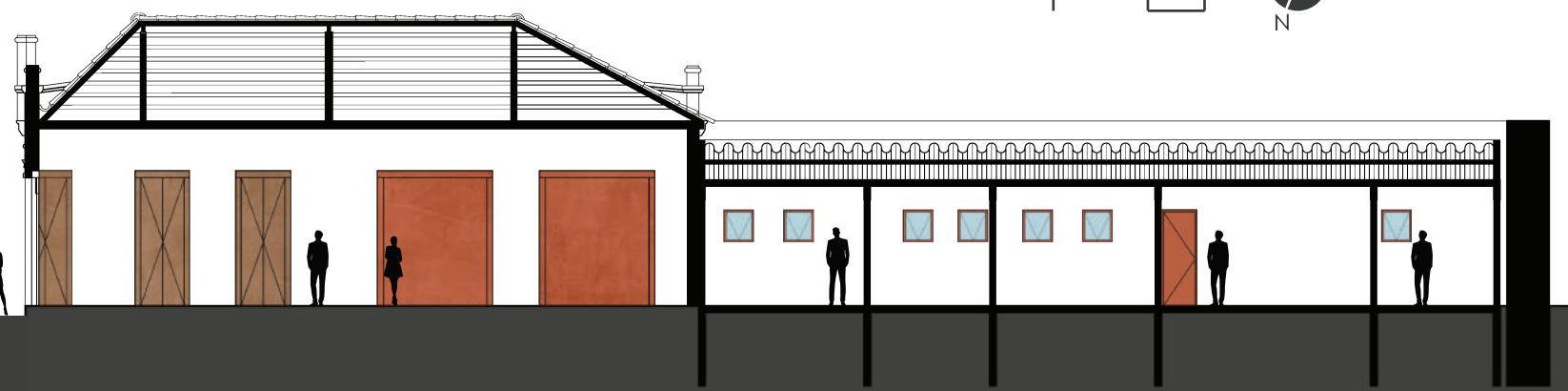


DEMOLIR CONSERVAR CONSTRUIR

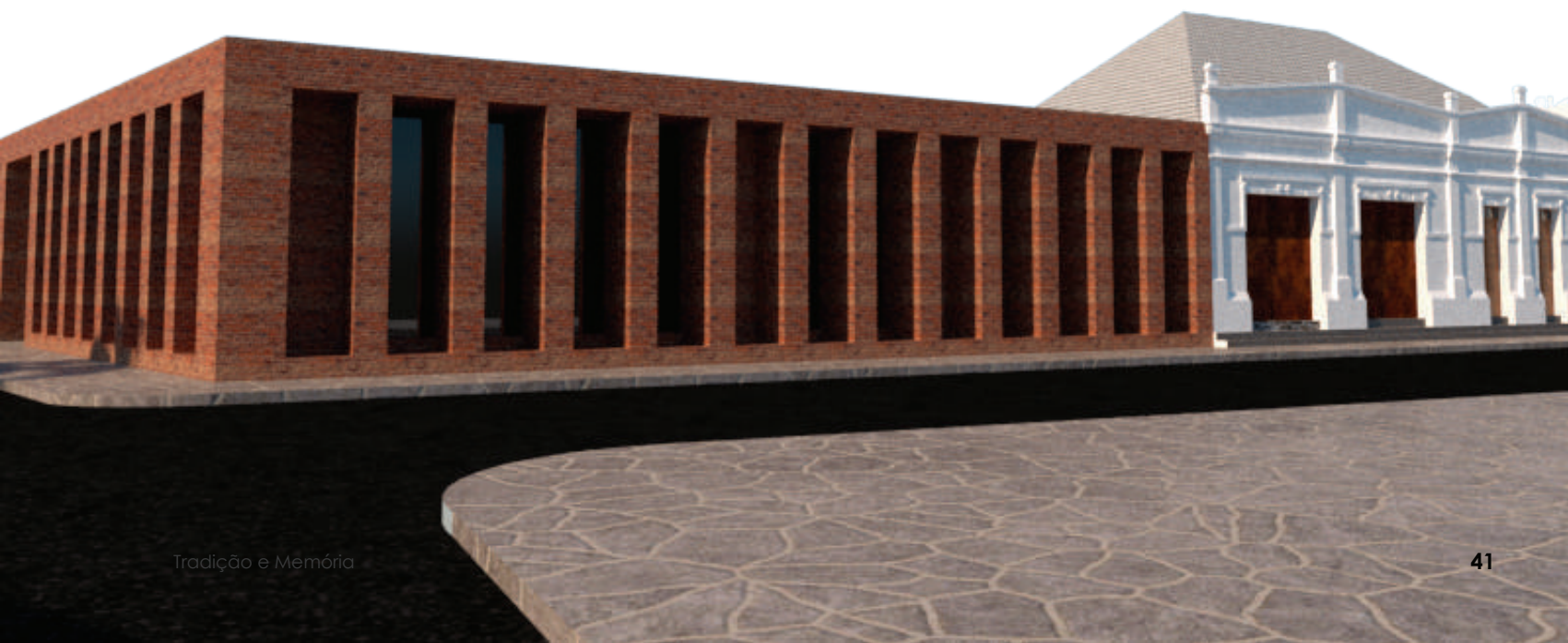
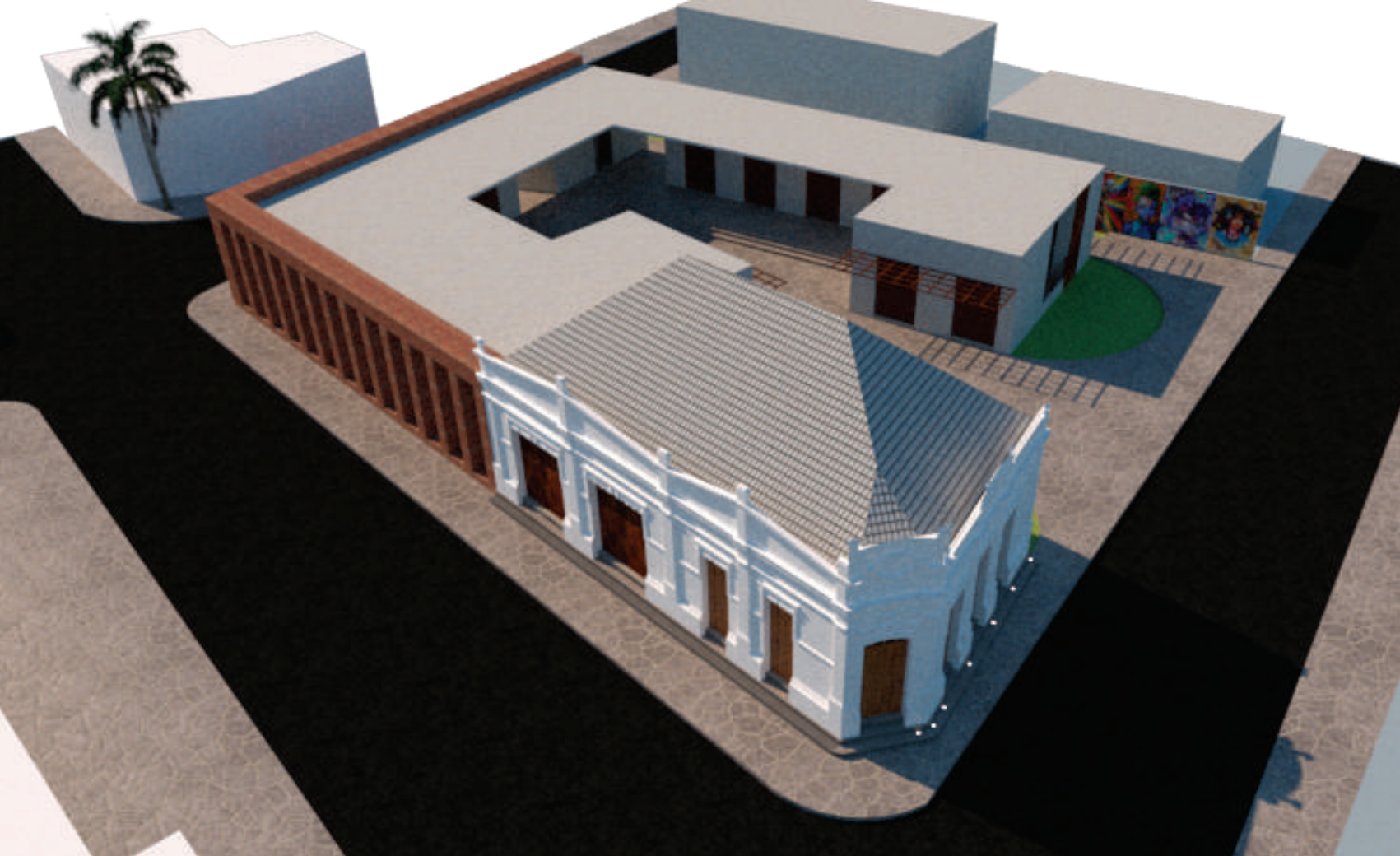
- LEGENDA**
- 01 ACESSO
 - 02 LANCHONETES
 - 03 DECK
 - 04 CIRCULAÇÃO
 - 05 PÁTIO CENTRAL
 - 06 SETOR DE ALIMENTOS
 - 07 SETOR VESTUÁRIOS
 - 08 SETOR VARIEDADES
 - 09 SANITÁRIOS
 - 10 P.N.E
 - 11 ADM
 - 12 DIREÇÃO



MERCADO MUNICIPAL



0 5 8





CASA LOZA FONSECA
MUSEU MUNICIPAL

PREEXISTÊNCIA
PROJETO DE INTERVENÇÃO

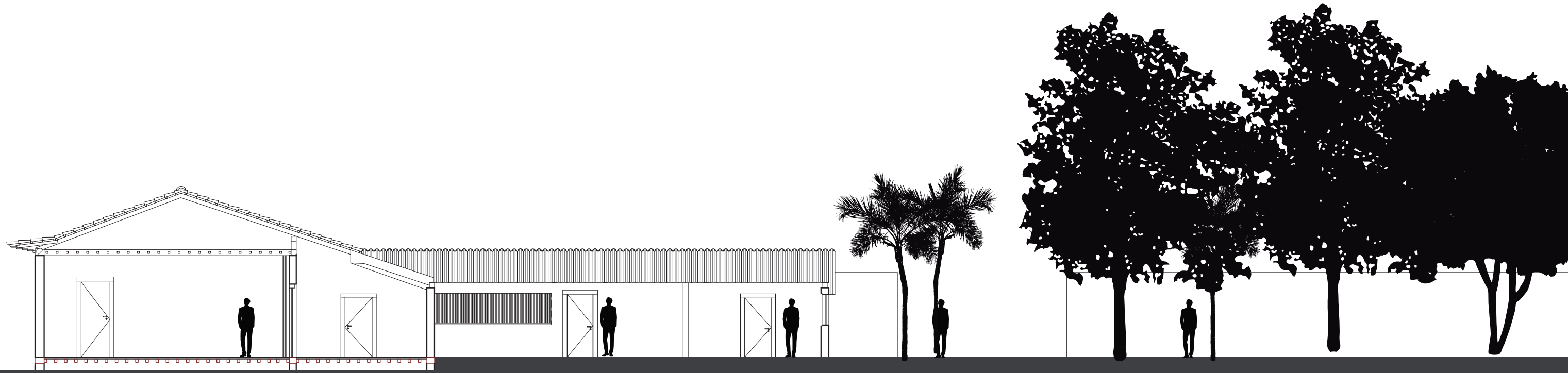
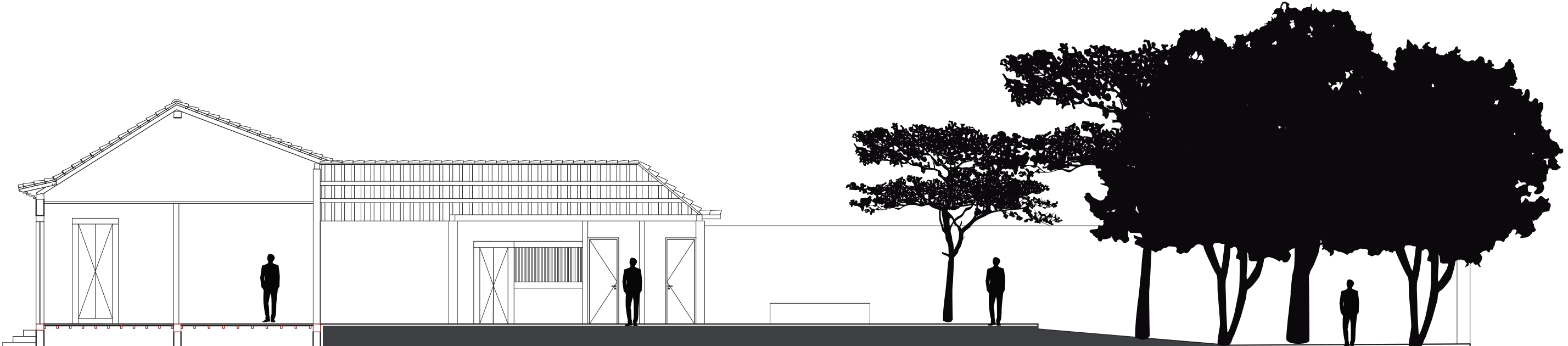
MUSEU MUNICIPAL

- 01 ACESSO
- 02 HALL DE ENTRADA
- 03 DIREÇÃO
- 04 HALL DE CIRCULAÇÃO
- 05 CORREDOR
- 06 EXPOSIÇÃO
- 07 EXPOSIÇÃO
- 08 EXPOSIÇÃO
- 09 BIBLIOTECA
- 10 ACERVO DIGITAL
- 11 SALA DE JANTAR
- 12 BEBEDOUROS
- 13 SANITÁRIOS
- 14 D.M.L
- 15 SALA FUNCIONÁRIOS/COPA
- 16 PÁTIO EXTERNO
- 17 POÇO
- 18 QUINTAL

MUSEU DO DIVINO

- 01 ACESSO
- 02 ACESSO CADEIRANTE
- 03 HALL DE ENTRADA
- 04 DIREÇÃO
- 05 HALL DE CIRCULAÇÃO
- 06 EXPOSIÇÃO DO DIVINO
- 07 EXPOSIÇÃO CAVALHADAS
- 08 ALPENDRE
- 09 COPA
- 10 D.M.L
- 11 ACESSO PAU-Á-PIQUE
- 12 SANITÁRIOS
- 13 POÇO
- 14 QUINTAL









CASA FAMÍLIA EPAMINONDAS

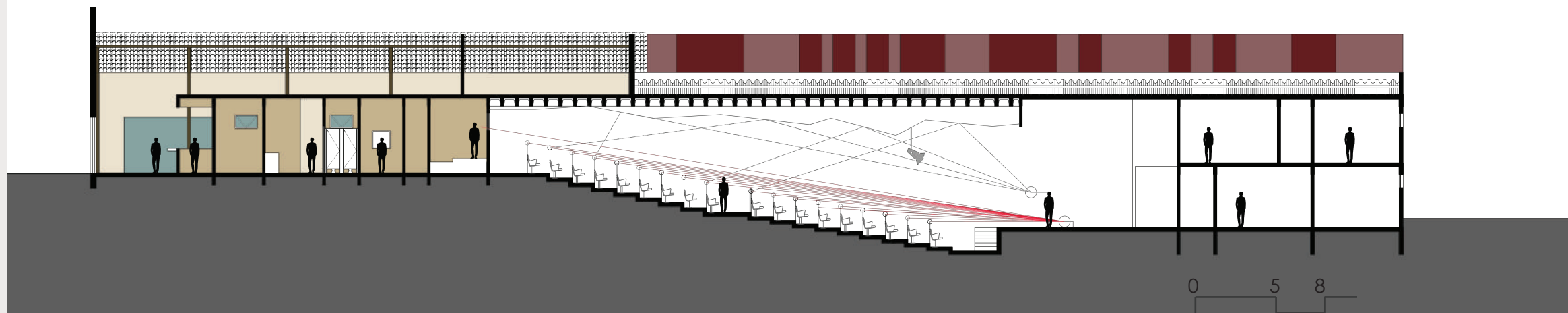
PREEXISTÊNCIA
PROJETO DE INTERVENÇÃO

CASA DA BANDA

- 01 ACESSO
- 02 RECEPÇÃO
- 03 EXPOSIÇÃO SOBRE A BANDA
- 04 EXPOSIÇÃO SOBRE A CASA
- 05 SALA FUNCIONÁRIOS
- 06 DIREÇÃO
- 07 ÁREA FUNCIONÁRIOS
- 08 COPA
- 09 BANHEIRO
- 10 ARQUIVO
- 11 D.M.L
- 12 PN.E
- 13 SANITÁRIOS
- 14 CIRCULAÇÃO
- 15 SALA DE ENSAIO INDIVIDUAL
- 16 SALA DE CORDAS
- 17 SALA DE SOPRO
- 18 SALA DE PIANO
- 19 CIRCULAÇÃO
- 20 BIBLIOTECA DE PARTITURAS
- 21 SALA DE ESPERA
- 22 DIVISÃO DA RÁDIO
- 23 ESTÚDIO
- 24 SALA DE GRAVAÇÃO

CINETEATRO

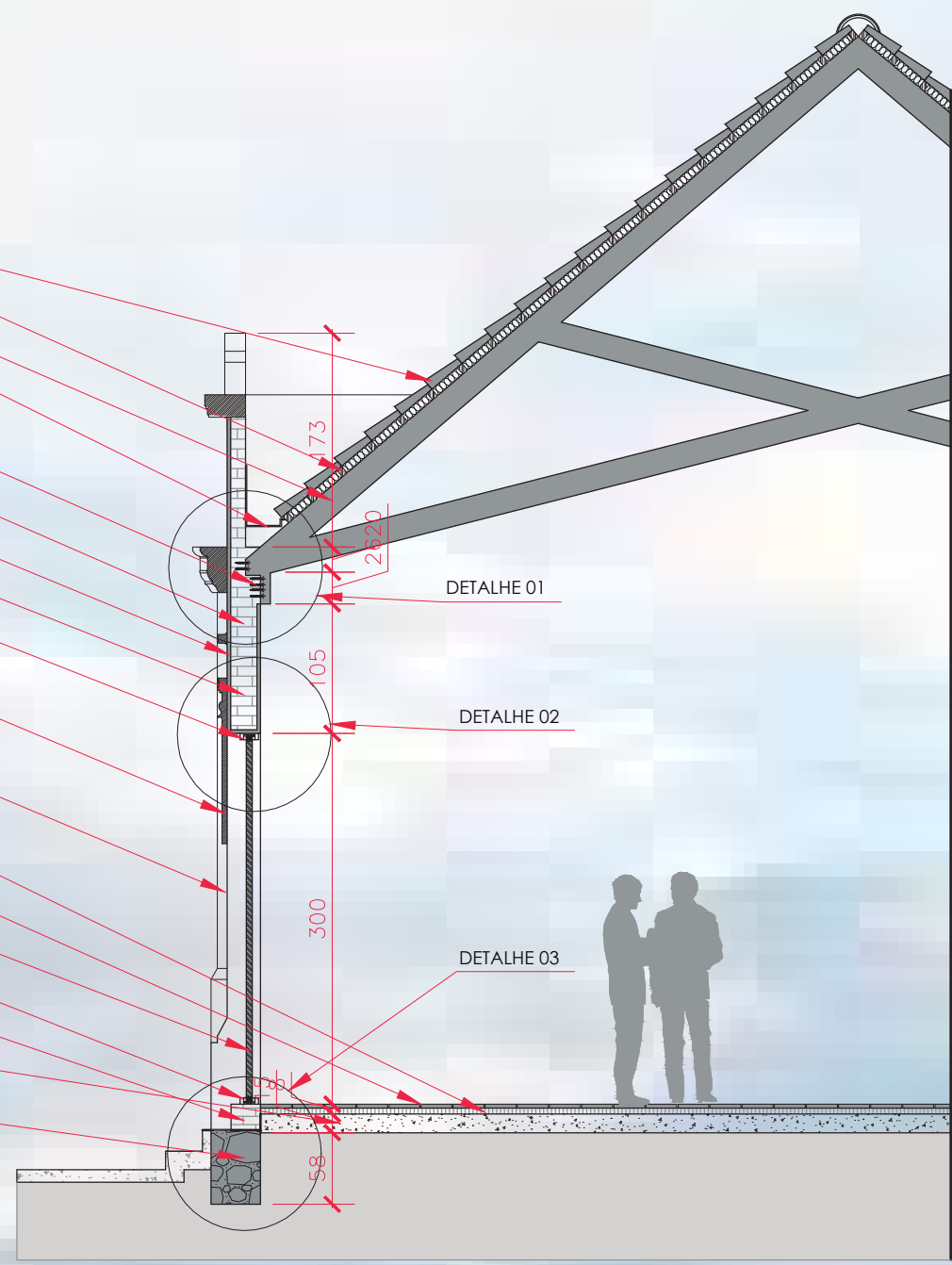
- 01 ACESSO
- 02 HALL
- 03 LANCHONETE
- 04 COZINHA
- 05 CIRCULAÇÃO
- 06 LAVABO
- 07 P.N.E
- 08 SANITÁRIOS FEMININOS
- 09 SANITÁRIOS MASCULINOS
- 10 BILHETERIA
- 11 BILHETERIA
- 12 CIRCULAÇÃO
- 13 SALA DE PROJEÇÃO
- 14 AUDITÓRIO
- 15 PALCO
- 16 CIRCULAÇÃO FUNDO DE PALCO
- 17 DEPÓSITO
- 18 DIREÇÃO
- 19 CIRCULAÇÃO
- 20 ADM
- 21 HALL DE ENTRADA PALCP
- 22 ACESSO 1º PAV



TELHA SANDUICHE COMPOSTA POR 2 CHAPAS METÁLICAS, GALVANIZADO. EM SEU INTERIOR A TELHA SANDUÍCHE CONTÉM UM ISOLANTE FEITO DE ISOPOR.

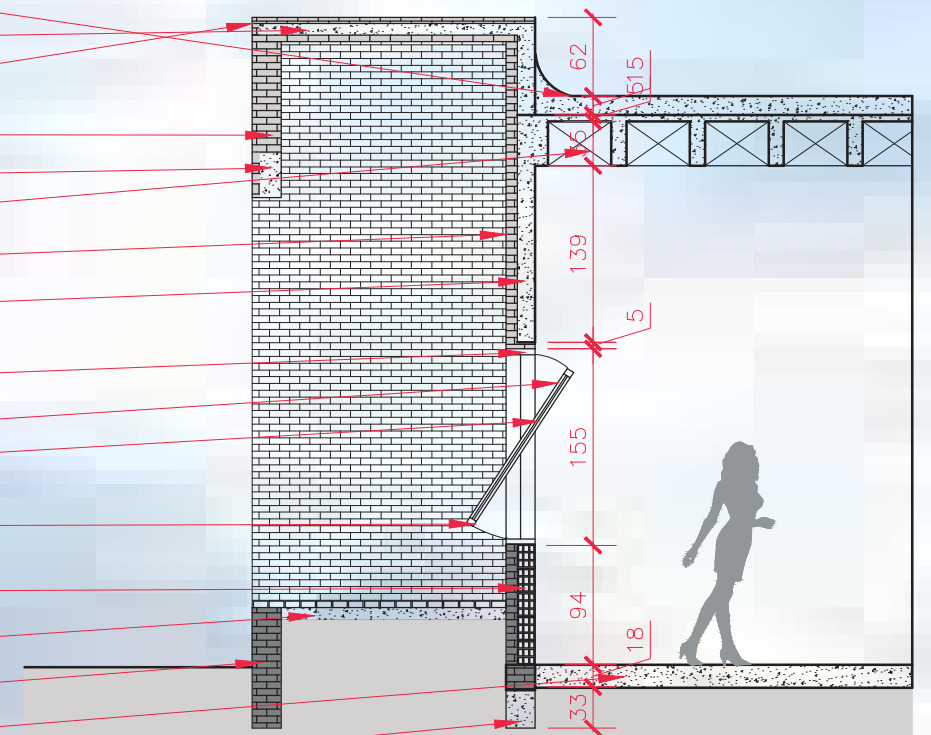
TERÇA EM PREFIL METÁLICO
 TRELIÇA METÁLICA SEM LINHA
 CALHA METÁLICA
 CONJUNTO PARA FIXAÇÃO COM CONTROLE DE TENSÃO - TC
 TIJOLÃO MACIÇO 19X5X2,5
 REBOCO PREEXISTENTE
 TIJOLÃO MACIÇO 26X5X2,5
 CONECTORES DE CISALHAMENTO
 ORNAMENTOS EM BARRO QUEIMADO

TINTA PVA NA COR MELÃO
 ARGAMASSA DE ASSENTAMENTO
 LADRILHO HIDRÁULICO
 PAINEL EM AÇO CORTEN
 CONECTORES DE CISALHAMENTO
 TIJOLÃO MACIÇO 26X5X2,5
 LAJE DE CONCRETO
 FUNDAÇÃO EM CANTARIA DE PEDRA



CORTE DE PELE PREEXISTÊNCIA MERCADO MUNICIPAL
 ESCALA 1:75

LAJE EM CONCRETO IMPERMEAVÉL
 VIGA EM CONCRETO
 REVESTIMENTO EM TIJOLINHO
 ALVENARIA EM TIJOLINHO 24X5,3X11,5
 VIGA EM CONCRETO
 LAJE NERVURADA
 REVESTIMENTO EM TIJOLINHO
 PILAR EM CONCRETO ARMADO
 CONECTORES DE CISALHAMENTO
 JANELA BASCULANTE
 VIDRO BLINDEX TEMPERADO
 REVESTIMENTO EM ALUMÍNIO TEXTURIZADO EM AÇO CORTEN
 TIJOLO FURADO 29X11,5X19
 LAJE EM CONCRETO
 FUNDAÇÃO EM TIJOLINHO
 LAJE EM CONCRETO
 FUNDAÇÃO EM CONCRETO



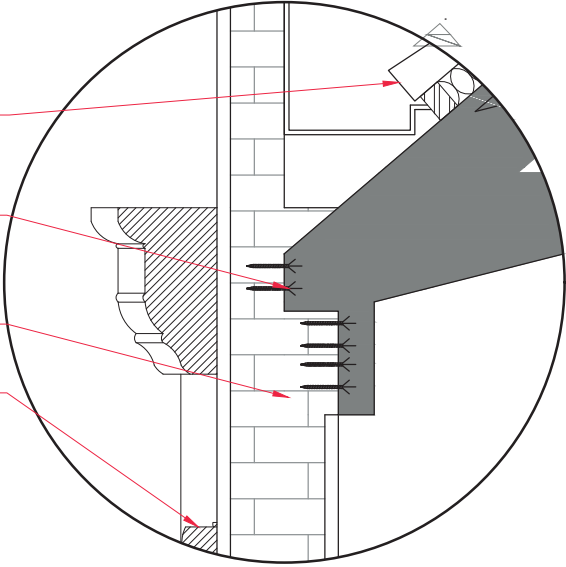
CORTE DE PELE ANEXO DO MERCADO MUNICIPAL
 ESCALA 1:75

TELHA SANDUICHE COMPOSTA POR 2 CHAPAS METÁLICAS, GALVANIZADO. EM SEU INTERIOR A TELHA SANDUÍCHE CONTÉM UM ISOLANTE FEITO DE ISOPOR.

CONJUNTO PARA FIXAÇÃO COM CONTROLE DE TENSÃO - TC

TIJOLÃO MACIÇO 26X5X2,5

ORNAMENTOS EM BARRO QUEIMADO

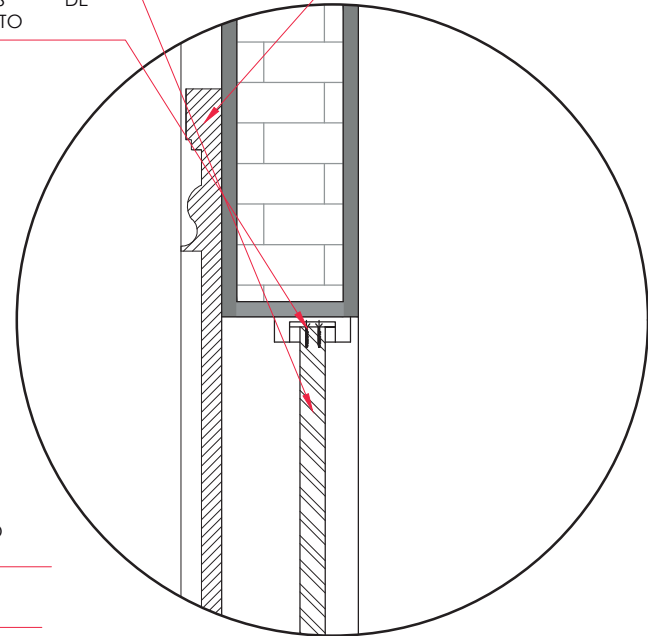


DETALHE 01
SEM ESCALA

PAINEL EM AÇO CORTEN

CONECTORES DE CISALHAMENTO

ORNAMENTOS EM BARRO QUEIMADO



DETALHE 02
SEM ESCALA

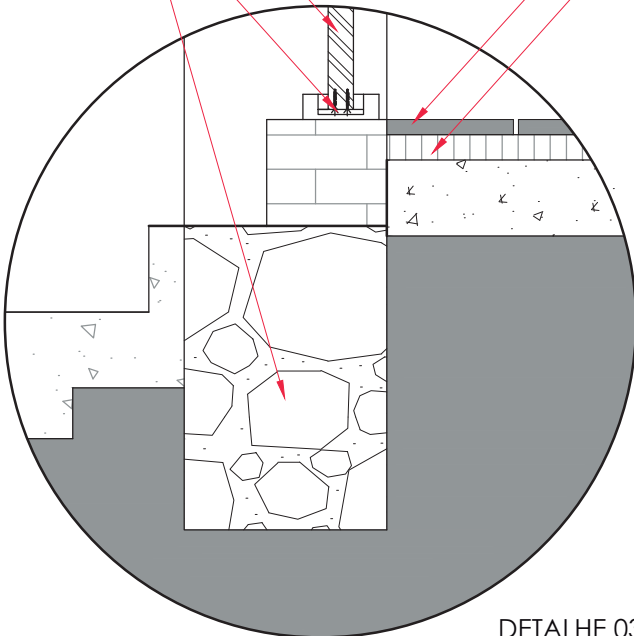
PAINEL EM AÇO CORTEN

CONECTORES DE CISALHAMENTO

FUNDAÇÃO EM CANTARIA DE PEDRA

LADRILHO HIDRAÚLICO

ARGAMASSA DE ASSENTAMENTO



DETALHE 03
SEM ESCALA

referências

- ALVES, Ana Cláudia Lima e. **A instrução dos processos de registro de bens culturais imateriais**. Material do curso Patrimônio Imaterial. Política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. DUO Informação e Cultura, 2008.
- ARANTES, Antonio A. **As dimensões do patrimônio**. Material do curso Patrimônio Imaterial. Política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. DUO Informação e Cultura, 2008.
- ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- AZEVEDO, Paulo. **A Restauração Arquitetônica entre o Passado e o Presente**. Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2004. 6 p.
- BERTRAN, Paulo. **Formação Econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente: 1978.
- BRAGA, Paula Marques. **Reabilitação Urbana no Centro Histórico de Salvador: Patrimônio Cultural, Turismo e Participação Social**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008.
- BRAGA, Paula Marques; SANTOS JÚNIOR, Wilson Ribeiro. **O Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador e as lições das Cartas Patrimoniais**. In *Arquitextos Vitruvius*, 107.04, ano 09, abril 2009. Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.107/59>>. Acesso em 21 nov 2017
- BRASIL. Lei n. 8, de 1 de julho de 1833. Erige em Villa o Arraial de Jaraguá, na Província de Goyas. **Lex**: Coleção de Leis do Império do Brasil - 1833, página 13 col. 1 pt (Publicação Original)
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção a decadência aos limites da modernidade**/ Nasr Fayad Chaul. 3. ed. - Goiânia: Editora UFG, 2010.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- CURY, Isabelle (Org). **Cartas Patrimoniais**. Brasília: IPHAN, Edições do Patrimônio, 2004.
- CUNHA MATTOS, R. José da. **Chorografia Histórica da Província de Goyas**: Goiânia Sudeco/ Governo do estado de Goiás, 1979.
- FERREIRA, Cláudia Márcia. **Fomento, salvaguarda e processos de empoderamento das comunidades**. Material do curso Patrimônio Imaterial. Política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. DUO Informação e Cultura, 2008.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **Construção das políticas internacionais de referência para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Material do curso Patrimônio Imaterial. Política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. DUO Informação e Cultura, 2008.
- FONSECA, L. **Jaraguá: Tradição e Modernização**. 1999. 252 f. Tese (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1999.
- IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em <<http://www.iphan.gov.br>>.
- IPHAN. **PAC Cidades Históricas**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1250>>. Acesso em 18 nov. 2009, às 12h05
- PEREIRA, Honório Nicholls. **Tendências contemporâneas na teoria da restauração**. In CORRÊA, Elyane Lins; GOMES, Marco Aurélio Figueiras (Org). *Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 101-116.
- VARGAS, Icléia Albuquerque de. **Territorialidades e representações dos Terena da Terra Indígena Buriti (MS)**. Possibilidades didático-pedagógicas. In SERPA, Angelo (Org). *Espaços Culturais. Vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 91-115.
- VIANNA, Letícia C. R. **Metodologias de inventário e pesquisa aplicada ao patrimônio imaterial**. Material do curso Patrimônio Imaterial. Política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. DUO Informação e Cultura, 2008.
- SASSEN, Saskia. La identidad em la ciudad global: encasillamientos económicos y culturales. In SOLÀ-MORALES, Ignasi; COSTA, Xavier (Org). *Metrópolis*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005, p. 20-33.



